



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

BRUNO PAULO DE SOUSA

**PERFIL DO CONSUMO DE ÁLCOOL EM
ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NO INTERIOR DO
ESTADO DE RONDÔNIA**

ARIQUEMES-RO

2019

Bruno Paulo de Sousa

**PERFIL DO CONSUMO DE ÁLCOOL EM
ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NO INTERIOR DO
ESTADO DE RONDÔNIA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em Enfermagem.

Prof. Orientador: Prof.^a Esp. Jessica de Sousa Vale

Ariquemes- RO

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

S0725p

SOUSA, Bruno Paulo de.

Perfil do consumo de álcool em acadêmicos de enfermagem no interior do Estado de Rondônia.
/ por Bruno Paulo de Sousa. Ariquemes: FAEMA, 2019.

86 p.; il.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Enfermagem - Faculdade de Educação e Meio Ambiente -
FAEMA.

Orientador (a): Prof^o. Esp. Jessica de Sousa Vale.

1. Álcool. 2. Enfermagem. 3. Ensino superior.
2. I VALE, Jessica de Sousa. II. Título. III. FAEMA.

CDD:610.73

Bibliotecário Responsável

CRB ***/**

Bruno Paulo de Sousa

<http://lattes.cnpq.br/5318182034296756>

PERFIL DO CONSUMO DE ÁLCOOL EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NO INTERIOR DO ESTADO DE RONDÔNIA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Enfermagem, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador: Esp. Jessica de Sousa Vale

Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

<http://lattes.cnpq.br/9337717555170266>

Prof. Ms^a Thays Dutra Chiaratto Verissimo

Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

<http://lattes.cnpq.br/9665224847169063>

Prof. Ms^a Evelin Samuelsson

Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

<http://lattes.cnpq.br/7052909923462419>

Ariquemes, 25 de setembro de 2019.

Aos meus pais que tanto amo e ao meu
filho que é a razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero me dirigir ao Grande Deus, que é Pai Unipotente, que sempre foi o guia em minha jornada e que mesmo diante de minhas fraquezas jamais se fez ausente.

Ao meu filho amado, razão de meus dias e de minhas conquistas, por ele eu busco ser melhor todos os dias.

Aos meus pais, que são meus verdadeiros exemplos, símbolos de luta e perseverança e que nos momentos de minhas maiores fraquezas foram eles meu refúgio.

Aos meus irmãos que são meus companheiros e sempre me incentivam a ser o melhor que eu possa ser.

A minha orientadora que foi a grande instigadora desse projeto e que me guiou durante todo meu período acadêmico.

De modo geral a todos meus professores que foram verdadeiros mestres e motivadores do conhecimento e que me capacitaram até aqui e me incentivaram a ser sempre o melhor.

Aos colegas de curso, desde o mais próximo ao mais afastado, afetivamente, os tenho com carinho.

Meus agradecimentos!

"Concentre-se nos pontos fortes, reconheça as fraquezas, agarre as oportunidades e proteja-se contra as ameaças".

Sun Tzu

RESUMO

É sabido que o consumo de bebidas alcoólicas é considerado uma prática comum a todas as pessoas, porém o uso abusivo torna-se um sério problema de saúde pública, afetando jovens e adultos. Abordando essa temática, em relação ao público acadêmico, torna-se necessário buscar possíveis intervenções, visto que serão futuros profissionais propagadores de saúde. Estudo objetivou conhecer o perfil do consumo de álcool em acadêmicos do curso de enfermagem de uma faculdade no interior do estado. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, com acadêmicos de enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior no interior do estado de Rondônia. A referida pesquisa foi um recorte da dissertação de Mestrado da pesquisadora Jessica de Sousa Vale aprovada pelo CEP da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), mediante ao parecer do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética CAAE: 98147118.7.0000.5498. Portanto é um recorte de um estudo macro com exata metodologia utilizada. Para a coleta utilizou-se uma adaptação da versão brasileira do AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test) e um questionário socioeconômico. A análise descritiva foi desenvolvida no *Software Microsoft Excel 2010*. Os resultados não apresentaram uso abusivo e foram classificados em sua maioria como consumidores de baixo risco, a intervenção adequada nesse nível é a educação em saúde. População constituída por uma população predominantemente feminina, jovem e solteira. Conclui-se que pesquisas com esta temática proporcionam a possibilidade da criação de programas nas instituições de ensino voltados para orientação e prevenção do abuso de álcool em acadêmicos e futuros profissionais.

Palavras-chaves: Álcool; Enfermagem; Ensino superior

ABSTRACT

It is well known that alcohol consumption is considered a common practice for all people, but abuse becomes a serious public health problem, affecting young people and adults. Approaching this theme, in relation to the academic public, it is necessary to look for possible interventions, since they will be future health propagating professionals. This study aimed to know the profile of alcohol consumption in undergraduate nursing students at a college in the state of Rondônia. This is a descriptive research, with a qualitative approach, with nursing students from a Higher Education Institution in the interior of the state of Rondônia. This research was a clipping of the Master's dissertation of researcher Jessica de Sousa Vale approved by the CEP of the University of Ribeirão Preto (UNAERP), upon the opinion of the Certificate of Presentation for Ethical Appreciation CAAE: 98147118.7.0000.5498. Therefore it is a clipping of a macro study with exact methodology used. For the collection we used an adaptation of the Brazilian version of the AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test) and a socioeconomic questionnaire. The descriptive analysis was developed using the Microsoft Excel 2010 software. The results were not misused and were mostly classified as low risk consumers, the appropriate intervention at this level is health education. Population consisting of a predominantly female, young and single population. It is concluded that research on this theme provides the possibility of creating programs in educational institutions aimed at counseling and prevention of alcohol abuse in academics and future professionals.

Keywords: Alcohol; Nursing; University education.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1-** Prevalência (%) de consumo de álcool entre pessoas de 18 anos ou mais de idade, segundo Unidade da Federação.21
- Gráfico 2-** Proporção de pessoas maiores de idade que costumam consumir bebida alcoólica uma vez ou mais por semana22
- Gráfico 3-** Distribuição de estudantes segundo cor/raça (%)27
- Gráfico 4-** Taxa de ingresso no ensino superior da população com ensino médio completo, segundo rede do ensino médio concluído29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Definição dos dados sociodemográficos dos acadêmicos do curso de Enfermagem, abril de 2019.-----	42
Tabela 2- Definição dos dados sociodemográficos dos acadêmicos do curso de Enfermagem, abril de 2019.-----	45
Tabela 3- Distribuição de quantidade e frequência dos sintomas e problemas associados ao consumo de álcool entre os acadêmicos-----	48
Tabela 4- Caracterização do consumo de álcool de acordo com as zonas de risco	53
Tabela 5- Relação de significância entre religião e escore AUDIT-----	55
Tabela 6- Relação de significância entre estado civil e escore AUDIT -----	57
Tabela 7- Relação de significância entre renda e escore AUDIT-----	58
Tabela 8- Relação de significância entre lazer e escore AUDIT-----	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ESF	Estrategia Saúde Família
FAEMA	Faculdade de Educação e Meio Ambiente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Educação Superior
ISE	Instituto de Ensino Superior
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar
PNS	Pesquisa Nacional em Saúde
SNC	Sistema Nervoso Central

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 DROGAS E SUAS CLASSIFICAÇÕES.....	16
2.2 ÁLCOOL: ASPECTOS HISTÓRICOS.....	18
2.3 EPIDEMIOLOGIA DO CONSUMO DE ÁLCOOL NO BRASIL.....	20
2.4 FATORES QUE INFLUENCIAM O CONSUMO DO ÁLCOOL.....	22
2.5 CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ACADÊMICOS.....	24
2.6 PERFIL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO E O CONSUMO DE ÁLCOOL....	26
2.7 MALEFÍCIOS DO CONSUMO DE ÁLCOOL.....	30
2.8 MEDIDAS PREVENTIVAS E TRATAMENTO.....	31
3 OBJETIVOS.....	35
3.1 OBJETIVO GERAL.....	35
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	35
4 METODOLOGIA.....	36
4.1 NATUREZA DO ESTUDO.....	36
4.2 LOCAL DO ESTUDO.....	36
4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	37
4.4 COLETA DOS DADOS.....	38
4.4.1 Instrumento de coleta de dados.....	38
4.4.2 Procedimento de Coleta de Dados.....	40
4.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	41
4.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	41
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	42
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIA.....	64
APÊNDICE I.....	80
APÊNDICE II.....	81
APÊNDICE III.....	85
APÊNDICE IV.....	86

INTRODUÇÃO

No decorrer da história, constantemente se verificou o uso de substâncias psicoativas, em diversas ocasiões. Diante disso, torna-se difícil pensar em uma humanidade isenta do consumo de drogas. Contudo, o uso abusivo atualmente tem sido motivo de importante preocupação, tendo em vista que, o número de novos usuários é crescente (CARNEIRO et al., 2014).

De acordo com Gosta et al. (2017), o uso do álcool, é uma realidade em nossa sociedade, passando a ser considerado como um problema de saúde pública. Vale ressaltar que mesmo sendo uma droga, a inserção no consumo dessa substância tem acontecido cada vez mais cedo, aumentando o risco de dependência, e diversos problemas no desenvolvimento, especialmente nos jovens, sendo considerada a porta de entrada para outras drogas.

Conforme Jesus (2014), o uso de bebidas alcoólicas é um dos maiores problemas no quadro de saúde pública a nível mundial. No período que engloba a pré-adolescência e a adolescência é onde frequentemente ocorre a experiência com relação ao álcool. Quando usada pela primeira vez na vida, está associada à presença de familiares, caracterizando-se um evento cotidiano da população.

Segundo dados levantados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 2 bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas e que, este uso quando em excesso, provoca cerca de 2,5 milhões de óbitos, o que corresponde a cerca de 4% das mortes a nível mundial. Já com relação ao uso de bebida alcoólica, o consumo desta substância entre a população brasileira está cada vez mais frequente, sendo que aproximadamente 11,7 milhões de pessoas em todo país são vulneráveis ao seu uso (ARAUJO; VIEIRA; MASCARENHAS, 2018; MACHADO et al., 2017).

Acredita-se que quanto mais precoce for o início do consumo alcoólico, maior será a exposição aos riscos de abuso e dependência dessa substância e, futuramente, o possível uso de outras drogas. O consumo do álcool pode surgir pela necessidade de diversas razões da vida cotidiana, dentre estes: os altos níveis de

estresse, de ansiedade, de baixa autoestima e sentimentos depressivos (CARVALHO et al., 2017).

De acordo com Faria (2016), a OMS, ao realizar estudos em 194 países, constatou que o consumo médio mundial em pessoas maiores de 15 anos é de 6,2 litros de álcool por ano.

Neste sentido, Malta et al. (2014), afirma que adolescentes e jovens que passam a frequentar os cursos de nível superior apresentam mudanças no estilo de vida, novos ciclos de relacionamentos e até mesmo ao uso exagerado de álcool. Nesse cenário, o uso nocivo da substância tende a diminuir o controle do próprio corpo, aumentando os riscos entre os egressos na faculdade, dentre eles dependência alcoólica, os acidentes de trânsito, violência e morte prematura.

Os alunos do curso de bacharelado em Enfermagem fazem parte de um núcleo de graduandos com especial carga de vulnerabilidade. Pois, são expostos, durante o período de formação, a dor, o sofrimento, a fragilidade e a limitação humana no processo de saúde, doença e do cuidado (YOSETAKE, 2018).

No mesmo sentido, Lima, Silva e Mendes (2018), afirmam que o ingresso na faculdade constitui o momento de maior exposição a riscos para os jovens, devido, principalmente, à vivência de novas experiências, ao afastamento da família e aos novos vínculos de amizade.

Tendo em vista a importância sobre a temática abordada, com relação ao uso de bebidas alcoólicas entre acadêmicos do curso de enfermagem, o presente estudo se torna relevante por apresentar o perfil do acadêmico, os níveis de envolvimento com o álcool e os consequentes agravos, tanto para a vida acadêmica, pessoal, social, quanto profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DROGAS E SUAS CLASSIFICAÇÕES

A utilização de substâncias entorpecentes, como método para aliviar os males e proporcionar sensação de leveza, é recorrente e propagado em inúmeras sociedades do mundo, com diversas maneiras de lidar com as substâncias psicotrópicas, e que variam de forma histórica e cultural. Contudo, o consumo das drogas tornou-se um problema visível a partir do século XIX quando passou a ter implicações sociais, ocasionando violência, criminalização e a exclusão social (SOARES FILHO, 2017).

De acordo com Silva et al. (2018), o termo drogas, é interpretado como substâncias que não são produzidas pelo organismo, que têm a propriedade de agir no sistema nervoso, alterando funções mentais, como o julgamento, o humor, a percepção e o comportamento de maneira geral.

Segundo Gomes e Vecchia (2018), a função da droga é múltipla e pode estar interligado ao anseio do ser humano em buscar meios para modificar sua realidade, buscando explorar suas emoções, alterar seu estado de espírito, tonalizando a sensação dos sentidos, facilitando a interação em seu meio social, dentre outras possibilidades de uso.

Segundo Martins et al. (2018), as substâncias psicoativas são formas utilizadas como saída para lidar com as complicações oriundas dos relacionamentos sociais, o que ocasiona prejuízos no seu desempenho nas relações interpessoais. Neste sentido, Teixeira, Engstrom e Ribeiro (2017), afirmam que a droga torna-se um meio do indivíduo conseguir enfrentar pressões externas, acontecimentos cotidianos e situações interpessoais, sem a necessidade de declarar um posicionamento.

Entre as substâncias psicoativas mais utilizadas no planeta estão o álcool, tabaco e maconha, e de acordo com Vale (2014), podem ser classificadas de acordo com o efeito que provocam no Sistema Nervoso Central (SNC), que são três: estimulando, deprimindo e perturbando. Como ilustrado no quadro a seguir.

Estimulantes	São aquelas que de maneira geral estimulam o funcionamento, favorecendo a pessoa a ficar agitada, sem sono e apetite. Relacionado a esses efeitos pode-se citar as anfetaminas (medicamentos para emagrecer), cocaína/crack e tabaco.
Depressoras	São as que de modo geral reduz a frequência de funcionamento, fazendo com que seus usuários fiquem mais lentos, ou seja, sonolentos. Listam-se a esses efeitos, substâncias como: álcool, benzodiazepínicos, opiáceos e inalantes.
Perturbadoras	Causam alterações no funcionamento cerebral quando consumidas, transformando a percepção da realidade e fazendo com que os consumidores tenham uma percepção distorcida de si e do local de convivência. São exemplos de drogas alucinógenas: LSD, ecstasy, maconha, alguns cogumelos.

Fonte: ALMEIDA, 2015 adaptado

Além da classificação de acordo com os efeitos ocasionados no SNC, as drogas também são classificadas de acordo com a sua legalidade, diferenciando-as em lícitas e ilícitas, como demonstrado no quadro a seguir:

Drogas Lícitas	São todas as substâncias psicoativas que têm a fabricação, venda e consumo permitido por lei, relacionadas em sua maioria a fins curativos na forma de medicamentos. Destaca-se que entre essas drogas lícitas, englobam as utilizadas para fins recreativos como o álcool e o tabaco. Neste contexto, mesmo o consumo ser liberado, elas causam efeitos lesivos ao corpo, além de possível dependência.
Drogas Ilícitas	São aquelas caracterizadas como substâncias de maior potencial destrutivo ao organismo, trazendo efeitos com alta periculosidade a saúde. Vale ressaltar, que essas substâncias, tem como característica a não legalização, sendo, a venda, a fabricação e até mesmo o consumo, proibidos por lei.

Fonte: SILVA et al., 2015; SOARES FILHO, 2017 adaptado

Neste sentido, as drogas lícitas são as mais utilizadas, sobressaindo sobre as drogas tipificadas como ilegais. Dentre as substâncias lícitas, a mais consumida é o álcool, tendo como fator determinante a exposição na mídia e até mesmo a alta aceitação por parte da sociedade. É mais comum propagandas e divulgação de bebidas alcoólicas, do que a de tabaco. Justificando a prevalência do consumo de etanol em todas as classes sociais (VALE, 2014).

2.2 ÁLCOOL: ASPECTOS HISTÓRICOS

A definição de álcool, de acordo com o Decreto nº6.117, de 22 de maio de 2007 que aprova a Política Nacional sobre o Álcool, é a bebida que contém 0.5 grau Gay-Lussac ou mais de concentração de etanol, incluindo-se a elas bebidas destiladas, fermentadas e outras formas de preparações, como a mistura de refrigerantes e destilados, além de manipulações farmacêuticas que contenham teor alcoólico igual ou acima de 0.5 grau Gay-Lussac (BRASIL, 2007, CALIXTO; TOLEDO; LAMY, 2015).

O consumo de bebidas alcoólicas tem sido utilizado desde o princípio da civilização humana. Consta na história que diversos povos já faziam uso do álcool, seja para o consumo ou para ritos religiosos. Sabe-se que as bebidas mais antigas, ou melhor, dizendo, as primeiras a serem produzidas foram à cerveja e o vinho, que possuíam conteúdo alcoólico relativamente baixo (SCHNEIDER; LIMBERGER; ANDRETTA, 2016).

No período que compreende a Idade Média, os povos Árabes, através de sua atividade mercantil, introduziram na Europa a técnica da destilação, ao mesmo tempo em que espalhavam, naquele ambiente cultural, a crença de que o álcool era o remédio para todas as doenças (XAVIER et al., 2018).

Contextualizando o consumo excessivo de álcool, as sociedades estabeleceram regras de proteção do indivíduo e também do coletivo, como forma de prevenir possíveis danos. A forma do uso e os costumes foram se modificando ao longo do tempo, mas as substâncias psicoativas continuam fazendo parte da vida dos povos, em todos os países e em todos os tempos. A inserção do consumo

alcoólico e a sua aceitação cultural foi sendo construída ao longo dos séculos (CADERNOS DA FLACSO, 2014).

De acordo com Dutra (2014), em alguns países do Oriente Médio a.C., as bebidas fermentadas, como cerveja e vinho, atuavam como elemento com o qual as pessoas mais ricas controlavam a produção de bens, demonstravam poder e realizavam o comércio entre as populações mais distantes. Conforme Carvalho (2014), somente com a chegada das bebidas destiladas, com uma maior concentração etílica, produzidas a partir da Idade Média, que se tornou possível relacionar problemas de abuso ao seu consumo.

Já no Brasil, o uso de bebidas alcoólicas antecede a chegada dos portugueses ao país. Isto, porque, os índios já faziam uso em seus rituais. Com os portugueses em solo brasileiro o uso do álcool passou a ser usado, não só para eventos ritualísticos religiosos, mas para fins prazerosos (PIRES et al., 2015).

Com o passar dos anos, a aquisição de novas tecnologias, a evolução social e econômica, houve também aumento na produção de bebidas alcoólicas. Com isso, não demorou a que os preços das bebidas e o acesso fossem mais fáceis, desse modo, aumentando significativamente o consumo. É a partir de então, que começam a surgir às primeiras confirmações de uma série de complicações físicas e mentais decorrentes desse consumo excessivo, tendo início também as primeiras descrições daquilo que hoje se denomina alcoolismo (LOPES, 2017).

Segundo Carvalho et al. (2017), com o avanço dos anos o uso de álcool passou de um simples uso, para uso abusivo. Afirmar ainda que no Brasil a preocupação relacionada a uso exagerado de drogas lícitas iniciou no começo dos anos 1960, com a inserção de jovens usando e a propagação pelos meios de publicidade deste produto. Em seu trabalho Dutra (2014), ainda aponta que é nesta época que começa a surgir políticas públicas para controlar os danos causados pelo consumo excessivo.

Neste sentido, a problemática envolvendo o consumo de álcool permeia inúmeras situações, sejam sociais, familiares e econômicas. Explicar os motivos que levam ao uso abusivo de álcool, torna-se complexo tendo em vista a dinâmica atribuída ao seu consumo, contudo é provável afirmar que existe uma variedade de combinações, formando um complexo conjunto de determinantes que influenciam na vulnerabilidade do indivíduo a utilizar bebida destilada (CAETANO, 2018).

2.3 EPIDEMIOLOGIA DO CONSUMO DE ÁLCOOL NO BRASIL

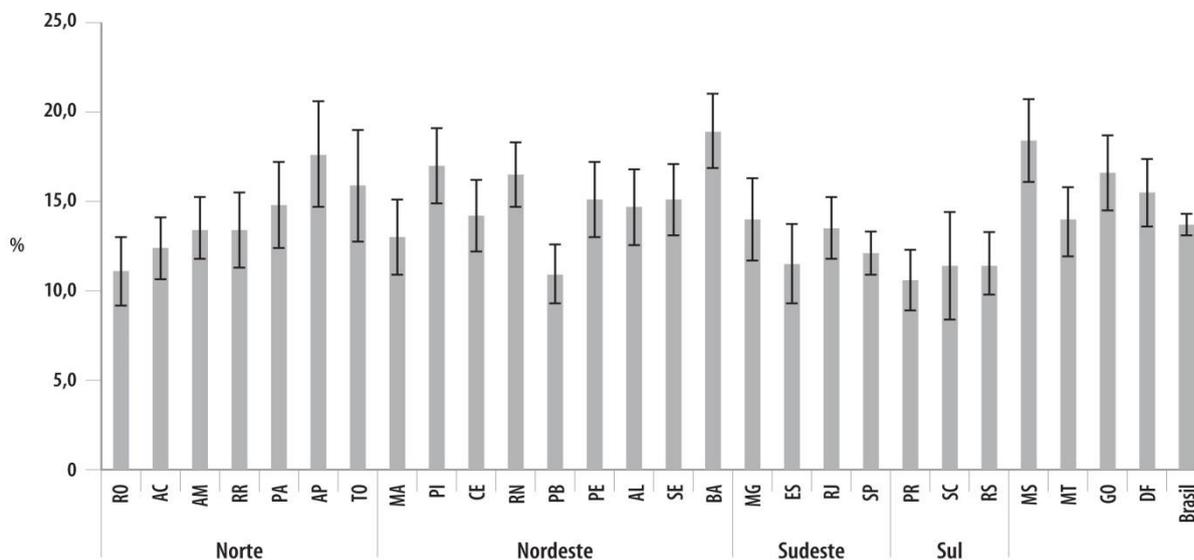
O consumo de substâncias psicoativas é objeto de relevantes estudos no Brasil e no mundo, isto se deve ao crescente aumento do uso de drogas lícitas e ilícitas e os seus consequentes impactos sociais e econômicos, principalmente, as complicações referentes à saúde. No Brasil o álcool é a substância, com efeitos psicoativos, de maior consumo no decorrer da vida (VALE, 2014, GARCIA; FREITAS, 2015).

De acordo com Faria (2016), o consumo de bebidas alcoólicas inicia-se durante a adolescência, entre os 13 e 14 anos, em festas familiares e grupos de amizades. Este uso de acordo com os próprios pais é inofensivo, não gerando riscos a dependência futura. Porém, pesquisas apontam que quanto mais cedo o início do consumo de álcool, maior será a probabilidade de dependência.

Em trabalho realizado por Garcia e Freitas (2015), através da Pesquisa Nacional em Saúde (PNS), realizada no ano de 2013, foram selecionadas pessoas maiores de 18 anos, do sexo masculino e feminino, em 26 estados Brasileiros, para avaliar o consumo abusivo de álcool. Através deste levantamento, os autores verificaram que a maior prevalência de consumo de etanol está entre os homens.

A nível nacional constatou-se que o estado da Bahia é o maior consumidor, apresentando porcentagem de 18,9% de consumidores, sendo a maioria, cerca de 29,4%, representados pelo sexo masculino. Ressaltaram ainda, que o Estado da região norte com maior consumo é o Amapá, já a Unidade federativa de Rondônia representa o menor número de ingestão de substância alcoólica na região Norte, ficando atrás até mesmo da média nacional (MACHADO et al., 2017).

Gráfico 1- Prevalência (%) de consumo de álcool entre pessoas de 18 anos ou mais de idade, segundo Unidade da Federação.



Nota: As hastes indicam os limites dos intervalos de confiança de 95% das prevalências.

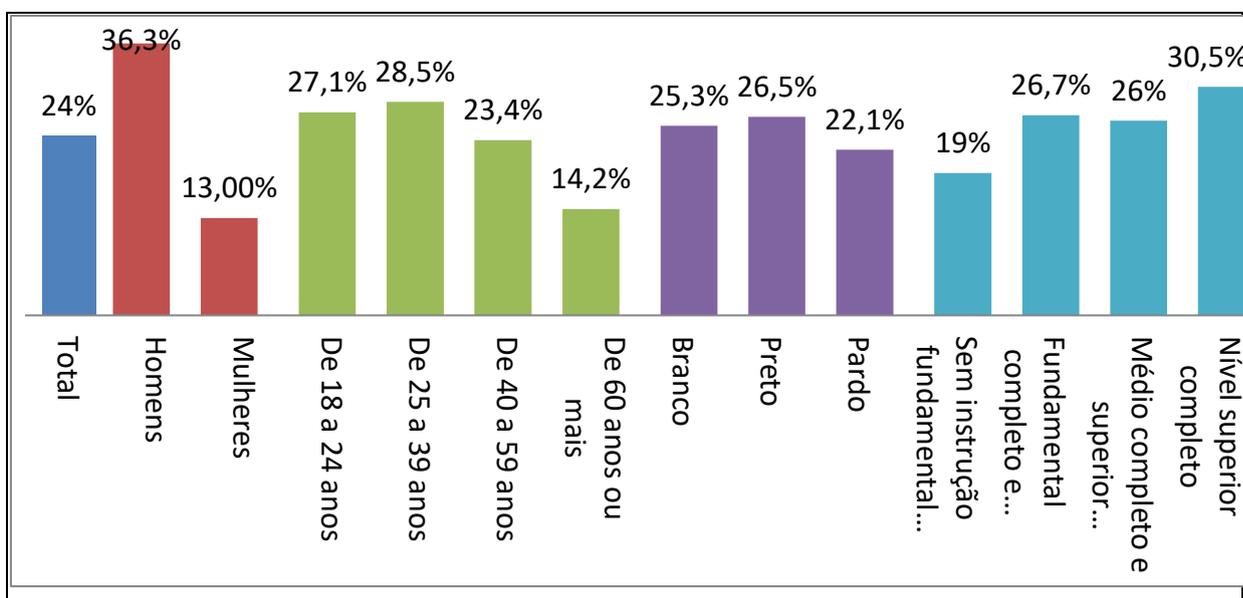
Fonte: GARCIA E FREITAS, (2015).

Neste sentido, Mangueira, Guimarães e Mangueira (2015), afirmam que o consumo alcoólico vem apresentando um significativo crescimento ao longo dos últimos anos, o que tem gerado um gasto financeiro, em cenário mundial em termos assistenciais, não apenas se limitando ao consumidor de álcool, mas também aos familiares e à sociedade em que ele está inserido. No Brasil as despesas do Sistema Único de Saúde (SUS), em consequência do uso de bebidas alcoólicas só crescem, sejam pela forma direta, pessoas com problemas com álcool ou acidentes decorrentes de embriagues, relação sexual desprotegida, violências domésticas, entre outros (GARCIA; FREITAS, 2015).

De acordo com a PNS, realizada entre os anos 2013 e 2014 no Brasil, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde (MS) e a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), constataram que entre as populações maiores de 18 anos de idade, que dirigiam carro ou motocicleta, o consumo de álcool seguido de direção automotiva foi maior entre homens 27,4% do que entre as mulheres 11,9%. Relacionado à faixa etária, o hábito foi mais prevalente entre os condutores de 25 a 39 anos de idade 29,2%. Por outro lado, a menor proporção foi observada entre os idosos de 60 anos ou mais de idade, 16,1% (MALTA et al., 2015).

Conforme o gráfico a seguir é possível notar que o maior consumo, de fato, está entre os homens. A faixa etária que mais consome bebidas alcoólicas é a compreendida entre os 25 e 39 anos, tendo uma tendência para a cor de pele negra. Pessoas com 60 anos ou mais, de acordo com a pesquisa, demonstra um consumo menor até mesmo que adolescentes de 18 a 24 anos. O dado mais significativo encontra-se no nível de escolaridade, sendo o público com ensino superior completo com maior incidência no uso dessa substância (IBGE, 2014).

Gráfico 2- Proporção de pessoas maiores de idade que costumam consumir bebida alcoólica uma vez ou mais por semana



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional de Saúde 2013.

Desta forma, é possível observar que, os levantamentos epidemiológicos realizados no Brasil, buscando avaliar diversos segmentos da sociedade, demonstram que o uso de substâncias psicoativas já é elevado e só aumenta. As consequências oriundas dessa situação são relevantes, fazendo-se necessárias ações para diminuir o impacto na saúde, na segurança e na economia (VALE, 2014).

2.4 FATORES QUE INFLUENCIAM O CONSUMO DO ÁLCOOL

O uso em excesso de bebidas destiladas, está relacionado em sua grande parte à mídia, sabendo que os meios publicitários em relação ao álcool estão cada

vez mais presentes nas vias de comunicação. Concorrente a isso, vale destacar que a aceitação social também é outro meio facilitador, justificando o elevado consumo (MACHADO et al., 2017).

De acordo com Araújo, Vieira e Mascarenhas (2018), a bebida alcoólica é a droga mais consumida pelos universitários. Em sua pesquisa realizada no Estado de Alagoas com alunos de vários cursos da área da saúde, constataram que 90,4% dos graduandos relataram consumir etanol. Destes, 27,2% afirmaram terem visto propagandas e disseram consumir o álcool por influência de propagandas. O autor ainda afirma que entre os homens as bebidas mais consumidas estão a cerveja e entre as mulheres há maior preferência pelo vinho, o que pode estar relacionado a fatores culturais e ao preço.

Acredita-se que, geralmente, o primeiro contato dos adolescentes com o consumo alcoólico inicia-se com os familiares, no entanto, entre os acadêmicos é frequente que esse consumo seja praticado em festas, onde as bebidas são oferecidas pelos amigos e servem como ferramenta para a interação entre eles. Ter elo de amizade com pessoas que consomem bebidas alcoólicas torna-se um fator influenciador que predispõe ao seu uso, e as bebidas são frequentemente usadas para facilitar a socialização (SAWICK et al., 2018).

Além disso, de acordo com Trigo et al. (2015), é possível afirmar que, uns dos fatores para esse consumo ser tão diversificado, envolve questões como curiosidade com relação aos efeitos das substâncias, como o relaxamento ou entusiasmo decorrente do consumo. Destaca-se como motivos, também, a diminuição da ansiedade em situações internas, a própria pressão da sociedade para fazer parte de algum grupo, facilitando a sua inserção no convívio de amizades.

Consoante com dados apresentados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social- BNDES (2014), a quantidade de vendas e a participação do mercado de bebidas alcoólicas no setor econômico do país vêm demonstrando um enorme crescimento ao longo dos anos, o que representa uma promoção de hábitos de consumo constantes.

Confirmando esses dados, Bastos, Costa e Vasconcelos (2017), consideram que esta crescente, com relação ao consumo, pode estar ligada ao comportamento de beber, com a interação social, tendo em vista que, reuniões e encontros são

pautados no consumo. Entre os adolescentes, comumente ocorre uma dinâmica social com a realização de eventos permeados de consumo de álcool.

Segundo Machado et al. (2017), outro ponto importante é que a aceitação dos pais, com um filho que bebe é maior do que com o filho que use cigarro de maconha ou outros meios ilícitos. Conforme o autor a publicidade com relação à bebida destilada, seja ela cerveja, pingas, vodcas entre outras, são mais aceitas entre as famílias, o que proporciona o uso sem preconceito.

Em conformidade com Gosta et al. (2017), o consumo de etanol também tem como fatores o contexto familiar desestruturado, a influência dos parceiros de relacionamento e o uso do álcool para obtenção de prazer ou associado à diversão, sem contar o fácil acesso.

Dessa forma, os fatores que influenciam o consumo de álcool, são diversos, acentuando falta de fiscalização, fatores familiares, e a própria curiosidade. Já a sensibilização dos jovens para o consumo, pela mídia, se dá através da exposição de imagens atrativas do produto, que ocupam o maior tempo durante a propaganda, contribuindo, neste sentido, para a formação de uma visão positiva em relação ao álcool (WILLHELM, 2015).

2.5 CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ACADÊMICOS

A fase que compreende a adolescência é cheia de novidades e de intensas modificações e descobertas, sejam elas, nos aspectos físicos, hormonais, cognitivos, sociais, culturais e emocionais. Trata-se de um período turbulento, repleto de conflitos, levando o jovem a desenvolver percepções conturbadas a cerca de si próprio. Esta parte da vida corresponde ao período, no qual os adolescentes constroem a sua identidade, neste momento são expostos à influência da cultura e sociedade na qual estão inseridos (GARCIA; FREITAS, 2015).

O período que engloba a transição da escola para a faculdade tem sido, de acordo com os próprios pais, como uma fase de maior exposição aos riscos, quanto, ao uso de álcool e outras drogas. Quando os adolescentes ingressam na universidade, muitos começam a vivenciar novas experiências como distanciar-se da família pela primeira vez, residir com outros estudantes e experimentar a ausência da supervisão de adultos (SILVA; ENUMO, 2016).

Em conformidade com Malta et al. (2014), são essas mudanças que trazem dificuldades e estresses que, somados à forma de socialização desenvolvida nas universidades, favorecidas pelas festas e diversões universitárias e à pressão exercida pelos colegas, que influenciam para a inserção ou até mesmo aumento do consumo de bebidas alcoólicas.

Consoante a isso, Lopes (2017), em sua pesquisa de mestrado, onde entrevistou 1155 adultos entre 18 e 59 anos de idade, buscando encontrar a prevalência e circunstâncias do padrão de uso de álcool, sob uma perspectiva de gênero, constatou que no Brasil, o uso regular de bebidas alcoólicas tem-se iniciado por volta dos 14,6 anos, sendo que destes, 13% das mulheres e 19% dos homens declararam ter experimentado bebidas alcoólicas com menos de 15 anos de idade. Já entre os adolescentes com idade de até 18 anos, 35% relataram uso de bebidas alcoólicas ao menos uma vez no ano e 24% relataram beber pelo menos uma vez por mês.

Segundo Araújo, Vieira e Mascarenhas (2018), a bebida alcoólica é a droga mais consumida pelos estudantes universitários. O autor citado realizou uma pesquisa no Estado de Alagoas com alunos de diversos cursos os quais e demonstraram que 90,4% dos estudantes selecionados disseram que ingeriram esta substância.

Para Silva et al. (2018), é possível afirmar que a incidência elevada do uso de álcool entre os estudantes de graduação nas faculdades de nível superior ocorre, também, devido a necessidade de aceitação social, tendo em vista, que a dificuldade de lidar com a pressão por bons resultados, estresse e ansiedade tornam essa aceitação ainda mais necessária.

Tratando-se da população acadêmica, muitos dão início ao uso de bebidas alcoólicas ao ingressarem no curso superior, outros mantêm ou até mesmo aumentam esse uso. De certa forma, o ensino superior contribui para as mudanças nos hábitos de vida, sendo o consumo de álcool o principal deles, podendo trazer agravos, posteriores, sérios a saúde (RABELO; PRATES; SAMPAIO, 2017).

Colaborando com essa ideia, Machado et al. (2017), através de sua pesquisa com graduandos do curso de medicina, observou que 76% dos entrevistados afirmaram consumir álcool, independente da periodicidade e 24% afirmaram que não

consomem bebidas alcoólicas. Com relação ao gênero, foi encontrado um consumo maior entre os homens 82,8% do que entre as mulheres 72,3%.

Neste sentido, Tostes, Campos e Pereira (2016), também afirmam que entre os acadêmicos o consumo de bebidas aumenta com o ingresso na faculdade. Este aumento segue até aproximadamente o quarto ano, mantendo-se até o final do curso. Mudança de residência, saída da vigilância dos pais e até mesmo influência e aceitação, são alguns motivos para esse consumo.

Ao falarmos sobre o conhecimento dos riscos referente ao uso de álcool Silveira et al. (2018), em sua pesquisa realizada com 358 alunos de ambos os gêneros de um Instituto de ensino do Rio Grande do Sul, buscando sobre o conhecimento do uso de álcool de forma abusiva na adolescência, uso de forma contínua ou se já teve contato com o álcool, constatou que 78% dos pesquisados conhecem os danos que a bebida causa e se preocupam, cerca de 16% conhecem e não se preocupam com os riscos que a droga ocasiona e apenas 5% deles referem não terem conhecimento.

Já Carneiro et al. (2014), afirmam que uma grande porcentagem de acadêmicos, cerca de 46% fazem uso de álcool moderadamente sem grandes riscos. Aponta ainda que, cerca de 24% dos alunos têm padrão de uso que representa riscos à saúde, 22% que não consomem. No entanto, o dado alarmante está nos 4% que apresentam padrão abusivo de álcool encaminhando-se para a dependência alcoólica.

Portanto, é preciso se atentar para os universitários e buscar intervenções com relação ao uso de bebidas alcoólicas, o padrão de consumo e até mesmo a identificação de fatores que aumentem sua suscetibilidade. Pois, são esses aspectos, considerados essenciais, no que se refere à prevenção de riscos e redução de danos provenientes do consumo abusivo de bebidas alcoólicas nessa população (SILVA, 2015).

2.6 PERFIL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO E O CONSUMO DE ÁLCOOL

No contexto atual do Brasil, levando em conta o nível de competitividade financeira com o mercado internacional, a qualificação profissional interna é importante para a prospecção do país com relação ao mundo. Desta maneira, o

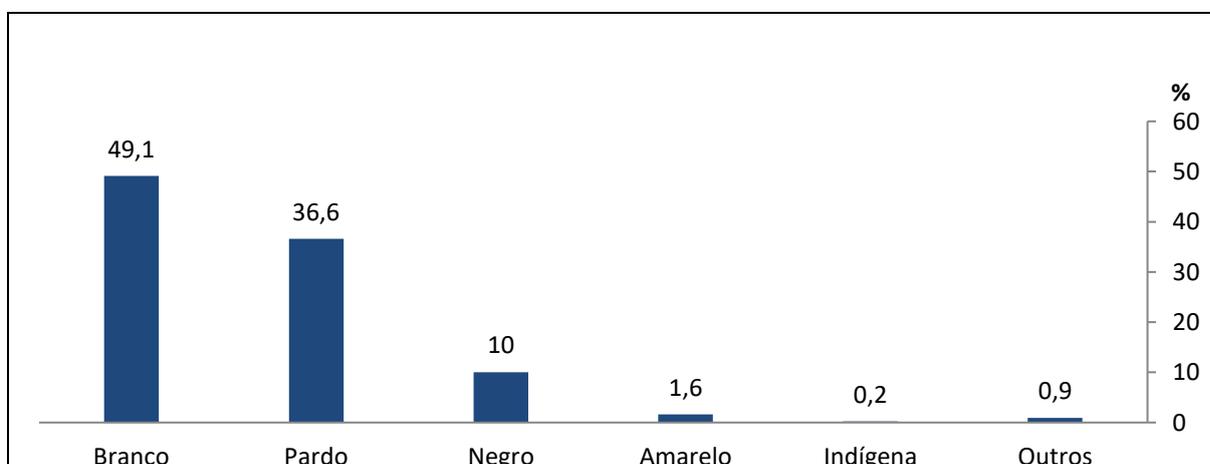
ensino superior é a porta de entrada para o aluno, egresso do ensino médio, buscar a qualificação profissional e encontrar o equilíbrio financeiro. Concorrente a isso, a educação superior visa, diante da sociedade, estabelecer uma população economicamente equilibrada e socialmente igual (CORDASSO et al., 2016).

Adequando-se a esse cenário, no ano de 2015, no Brasil foram ofertadas mais de 8 milhões de vagas para cursos de graduação, das quais aproximadamente 67,4% são na modalidade presencial e 32,6%, na modalidade a distância. Neste contexto, ressalta-se que as faculdades privadas são responsáveis por ofertar 91,0% do total das vagas a distância. Verificando a categoria pública, as Instituições de Ensino Superior federais foram responsáveis pela oferta de 59,3% das vagas presenciais (BRASIL, 2018).

Em relação ao gênero, Tosta (2017), em sua pesquisa afirma que, a predominância dos que ingressam na faculdade são do sexo feminino, cerca de 55,4% e os homens com 44,6%. Essa superioridade também é possível notar nos dados referentes aos concluintes, onde elas representam cerca de 59,6% e os homens com 40,4%.

Outro perfil relevante entre os acadêmicos está a questão étnico racial, em pesquisa realizada por Silva Pires (2015), constatou que cerca de 49,1% dos estudantes se declararam por pele da cor branca, 36,6% se declaram pardos e apenas 10% como negros. População acadêmica composta por amarelos 1,6%, 0,2% indígenas e 0,9% deram outra resposta.

Gráfico 3- Distribuição de estudantes segundo cor/raça (%)



Fonte: TOSTA (2017).

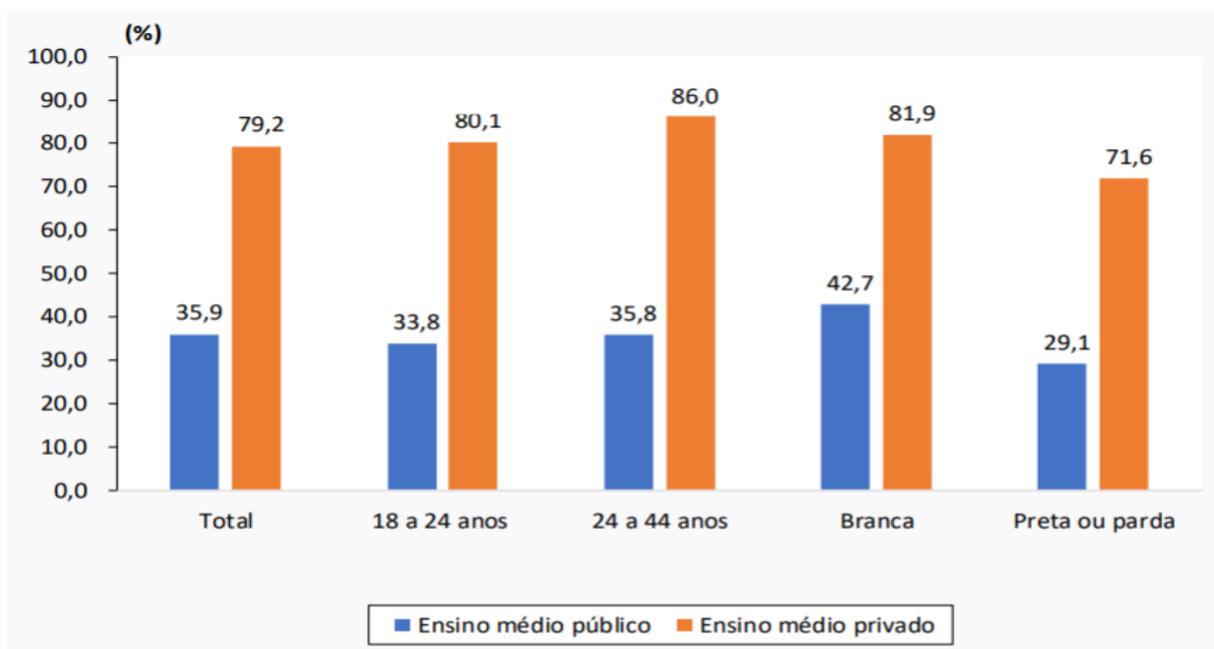
De acordo com Cordasso et al. (2016), em sua pesquisa, o ingresso nas Instituições de Ensino Superior (IES), tem melhorado significativamente nos últimos anos. A idade média de ingresso nacional varia entre 18 a 24 anos, representando 17,9%. Acima da média nacional está a região Centro-Oeste com cerca de 24,1%, porém, existe uma disparidade significativa ao analisar regiões como Nordeste, que apresenta apenas 12% deste público cursando ensino superior. Essa diferença também se denota quando comparamos com outros países como França, Espanha e Reino Unido, quando essa proporção é superior a 50%, ou na América Latina, onde Chile destaca-se com 52% de jovens no ensino superior.

Neste sentido, Tostes, Campos e Pereira (2016), em sua pesquisa realizada na Universidade Federal de Goiás, constatou que, o jovem que ingressa em uma faculdade, tem como perspectiva construir sua autonomia. Para isso, sai da casa dos pais para morar sozinho, implicando também em buscar sua própria renda. Nesses casos, a maioria das famílias não possuem condições de mantê-los.

Dessa forma, um indicador relevante nessa análise é saber quem são os estudantes que tem que trabalhar para custear seu estudo e os que só estudam. Do total de estudantes universitários pesquisados, cerca 32,3% trabalham de forma remunerada. A autora constatou que este percentual encontrado é quase o dobro do que foi diagnosticado pelo IBGE no ano de 2012 (IBGE, 2013).

Segundo dados levantados pelo IBGE, através da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) em 2017, alunos do ensino médio que ingressaram em algum curso do nível superior, grande parte foram oriundos de escolas particulares. Isso demonstra que alunos que estudam em escolas públicas saem do ensino médio e vão à busca de trabalho, tendo em vista que a dificuldade de trabalhar e ainda frequentar um curso de nível superior é desgastante e oneroso em sua renda. Destaca-se, ainda, que a maioria dos cursos superiores é da rede de ensino privada, dificultando significativamente a entrada no ensino superior (IBGE, 2018).

Gráfico 4- Taxa de ingresso no ensino superior da população com ensino médio completo, segundo rede do ensino médio concluído



Fonte: IBGE (2018).

Com relação ao acadêmico que estuda e trabalha, Vale (2014), em sua pesquisa realizada na Faculdade de Educação e Meio Ambiente-FAEMA com os cursos da área da saúde composto por Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, constatou que 55% dos alunos exerciam atividade remunerada e que 64% possuíam renda familiar acima de dois salários mínimos, 22% com renda de dois salários mínimos e apenas 14% com renda de um salário mínimo. Demonstrando, dessa forma, que a presença no ensino superior de quem tem menor poder aquisitivo é reduzida diante de quem tem a renda elevada, confirmando, neste sentido os dados apresentados pelo IBGE.

Neste sentido, muitos jovens exercem função remunerada durante o dia e frequentam graduação de ensino superior no período noturno, realizando jornada dupla. Com isso, reduzem suas possibilidades de descanso, momentos de diversão pessoal e social como possibilidade de lazer. Durante a semana, a rotina é pesada com trabalho e faculdade, sobrando somente os finais de semana, para realizarem algum tipo de lazer (RABELO; PRATES; SAMPAIO, 2017).

Com isso, Dutra e Menezes (2017), afirmam que os graduandos acabam realizando momentos de lazer em festas universitárias, onde os colegas de

graduação estão reunidos. Na maioria das vezes essas festas são organizadas com caráter de confraternizações entre os calouros e veteranos, cercadas de bebidas alcoólicas. Os autores ainda afirmam que são nestes momentos que a interação com o álcool se manifesta, sendo meio facilitador de integração e novas amizades.

2.7 MALEFÍCIOS DO CONSUMO DE ÁLCOOL

De acordo com Lopes (2017), a carga de doenças relacionadas ao uso de álcool, em geral, é bem elevada, destacando-se à morte prematura e às deformidades. Por ser tratar de uma substância de duplo efeito causando euforia e depressão, a bebida alcoólica também é determinante para causar alterações nas habilidades psicomotoras, nisto pode-se incluir habilidades cognitivas e tempo de reação.

Desta maneira, Faria (2016), ainda aponta que as pessoas que ingerem, de forma abusiva, derivados de etanol são bem mais suscetíveis a danos, acidentes de trabalho, quedas, prática sexual de risco, sendo que esse risco é aumentado quando o álcool é consumido em conjunto com outras substâncias psicoativas, muitas vezes usadas para intensificar a ação de ambos.

Os problemas relacionados ao álcool também são refletidos no trabalho, conforme Garcia et al. (2015), enfatiza que o uso abusivo de álcool é tão prejudicial, que cerca de 1% do PIB (Produto Interno Bruto) dos países de média e alta renda são gastos com despesas referentes ao afastamento do serviço decorrente do consumo de álcool.

Em parâmetros nacionais, também é inegável o impacto do custo social gerado pelo abuso de álcool e os investimentos dispendidos pelo governo que não são suficientes para reduzir de modo significativo os problemas decorrentes desta prática, tais como acidentes, violência doméstica, absenteísmo, desemprego e outros (DUTRA, 2014).

Neste sentido, o uso de bebidas alcoólicas indiscutivelmente apresenta ao ser humano resultados nocivos para a sua saúde. Estudos apontam que o álcool tenha relação com mais de 200 tipos de doenças e lesões. Doenças como câncer, cirrose e desordenamento mental e até mesmo comportamental são frequentemente relacionados ao uso de substâncias do etanol. Vale destacar também, que existem

doenças e males secundários ao abuso do álcool, como os acidentes de trânsito, violências e a casos de suicídios (GARCIA; FREITAS, 2015).

Conforme o Relatório sobre Álcool e Saúde nas Américas, coordenado pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), em 2012 o etanol foi vinculado a mais de 300 mil óbitos, destacando-se a cirrose como a principal causa. Já no Brasil, em 2010, a cada 100 mil habitantes 70 homens morreram por condições agravadas pelo consumo de bebidas alcoólicas. Entre adolescentes, o álcool foi apontado como o maior fator de risco à saúde, ultrapassando os danos relacionados a qualquer outra droga. No mesmo ano, 14 mil mortes de crianças e adolescentes nas Américas foram atribuídas ao álcool (PAHO, 2015).

Estudos apontam que os malefícios do álcool vão além dos já apresentados e debatidos por vários estudiosos no cenário mundial. De acordo com pesquisas realizadas e apresentadas no Relatório Global sobre Álcool e Saúde no ano de 2014, a bebida alcoólica tem sido ligada a causalidade de doenças transmissíveis, como tuberculose, HIV/AIDS e pneumonias (GOSTA et al., 2017; WHO, 2018).

Desta forma, conforme afirma Caetano (2018), o etanol está entre os três maiores causadores de doenças em todo o mundo. Seu consumo não trás somente alteração psicológica e motora, mas ocasiona sérios problemas como gastrite, cirrose hepática, infertilidade, infarto, hemorragia, neuropatia periférica, trombose, câncer, demência, anorexia alcoólica e tantas outras. É possível perceber que, o uso de substâncias alcoólicas atingem todos os órgãos do corpo, desde os olhos, o coração, o cólon/intestino grosso, o intestino delgado, vias aéreas, órgãos sexuais, imunidade, a boca e o fígado. Os seus efeitos, na maior parte das situações, são devastadores.

2.8 MEDIDAS PREVENTIVAS E TRATAMENTO

O consumo de bebidas alcoólicas representa em nível global, um desafio social, econômico e de saúde pública, pois afeta milhões de pessoas. Neste sentido, não existe uma solução única para esse complexo problema, tornando-se a melhor medida a prevenção buscando orientar e antecipar uso abusivo de álcool (XAVIER et al., 2018).

Com isso, Pedrosa e Hamann (2019), definem que prevenção é um conjunto de atitudes que buscam evitar situações problemáticas ocasionadas pelo uso indevido de substâncias entorpecentes, antes que estas aconteçam, ou até mesmo que se agravem. Os autores ainda afirmam que, a prevenção visa à finalidade de prevenir os indivíduos sobre os fatores que predispõem ao uso e o abuso, capacitando-os a evitar, de forma ativa a não fazerem uso de maneira excessiva.

Para Franco (2016), os programas de prevenção às drogas possuem a meta de fazer com que a demanda por uso e abuso de álcool sejam reduzidas, e também oferecer informações que poderão facilitar seu poder de escolha, assim como fortalecer sua educação fazendo com que sejam capazes de realizarem mudança de hábitos e evitem o uso dessa substância.

De acordo com Brasil (2019), existem três níveis de prevenção, sendo Atenção Primária, Secundária e Terciária, como descrito no quadro a seguir:

Atenção Primária	São ações direcionadas na busca de evitar ocorrências de novos casos de uso abusivo de álcool e até mesmo de um primeiro contato. Neste sentido, busca prevenir o primeiro contato, utiliza-se como ferramenta de intervenção a promoção em saúde.
Atenção Secundária	É destinada a indivíduos que já consumiram e que fazem um uso ocasional de drogas, a fim de evitar que esse uso se torne abusivo e problemático, reduzindo as chances de que o abuso se transforme em dependência.
Atenção Terciária	Neste terceiro nível da Atenção em Saúde, buscam-se ações que, a partir de uma problemática já existente, procura minimizar prejuízos que advenham do uso abusivo de etanol. Cabem ao nível terciário reintegrar na sociedade os indivíduos com consumo problemático. Também busca melhorar a qualidade de vida dos usuários junto à família, ao trabalho e à comunidade de uma forma geral.

Fonte: BRASIL, (2019) adaptado.

Relacionado aos níveis de atenção ao cuidado do usuário de etanol e outras drogas, inúmeras políticas públicas brasileiras já foram criadas para intervir neste cenário. Contudo, as ações públicas voltadas a esta substância abordam a

prevenção e promoção da saúde de modo ainda pontual, ou seja, com estratégias direcionadas à redução de danos. Neste sentido, os trabalhos científicos atuais, ressaltam a necessidade de reformulação das políticas públicas do álcool, no sentido de dar prioridade a promoção em saúde e a assistência nos diversos níveis de atenção para grupos vulneráveis, tais como mulheres, adolescentes, estudantes e indígenas (MANGUEIRA et al., 2015).

Relacionado a estudantes de nível superior, Lima, Silva e Mendes (2018), afirmam que se faz necessário, nas universidades, a incorporação de disciplinas integradas à grade curricular, que trate sobre o consumo de álcool e conseqüentemente o uso abusivo desta substância. No entanto, as autoras reiteram que as instituições de ensino costumam atuar restringindo o acesso a bebidas alcoólicas dentro da faculdade, não buscando trabalhar o lado moral e ético, deste consumo.

Em relação às legislações elaboradas com a finalidade de prevenir o consumo de álcool, o Brasil tem avançado consideravelmente neste aspecto, visto que no ano de 2012 criou a Lei 12760/2012, “Lei Seca” que inseriu no Código de Trânsito Brasileiro (CTB) um aumento da multa administrativa de 957,69 para 1.915,38 e passou a fazer uso do medidor de álcool no sangue, o etilômetro. No ano de 2015 criou a lei 13.106/2015, que tornou crime vender ou entregar bebidas alcoólicas a crianças ou adolescentes (CISA, 2016).

Através da Política Nacional de Saúde Mental e das Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas, ficou estabelecido que a Rede de Atenção Psicossocial (RAP) precisa ser ampla, atendendo a todos os usuários que fazem abuso de álcool e outras drogas, proporcionando qualidade não somente ao consumidor, mas também a seus familiares.

Através da Nota Técnica nº 11/2019, o governo brasileiro atualizou o RAPs, tornando-o mais acessível e abrangente, com isso, a partir deste ano a rede passará a contar com: CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), em suas diferentes modalidades; Serviço Residencial Terapêutico (SRT); Unidade de Acolhimento (adulto e infante-juvenil); Enfermarias Especializadas em Hospital Geral; Hospital Psiquiátrico; Hospital-Dia; Atenção Básica; Urgência e Emergência; Comunidades Terapêuticas e Ambulatório Multiprofissional de Saúde Mental - Unidades Ambulatoriais Especializadas (BRASIL, 2019).

Neste sentido, para a eficácia do tratamento do usuário abusivo de álcool, faz-se necessário, por parte do governo, promover e garantir a articulação e integração a nível nacional às intervenções. Unindo, desta forma, as Unidades Básicas de Saúde, ambulatórios, os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD), comunidades terapêuticas, hospitais gerais psiquiátricos e serviços de emergência. Somente com a colaboração de todos os serviços disponibilizados pelo SUS, será possível aperfeiçoar a qualidade de recuperação do usuário de bebidas alcoólicas (BRASIL, 2017).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Descrever o perfil do consumo de álcool em acadêmicos de enfermagem no interior do estado de Rondônia.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Retratar o perfil socioeconômico e cultural dos acadêmicos de Enfermagem em um município do interior do estado;
- Discutir a influência da faculdade na prática do consumo de bebidas alcoólicas;
- Elencar medidas preventivas para o abuso de álcool.

4 METODOLOGIA

4.1 NATUREZA DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, caráter transversal, de natureza aplicada e abordagem quantitativa, que se utilizou de levantamento (*survey*) como método de procedimento, propondo aplicação de questionário para detecção de problemas associados ao consumo de álcool.

De acordo com o tempo em que os dados foram coletados, a presente pesquisa tratou-se de um recorte transversal que se destinou à coleta de dados em um único momento, objetivando assim, descrever e analisar o estado de uma ou várias variáveis em um dado momento.

A pesquisa quantitativa caracterizou-se pelo emprego da quantificação, tanto na coleta de informações, quanto no tratamento dessas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas. A coleta de dados enfatizou números que permitiram verificar a ocorrência ou não de um determinado evento. (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008).

4.2 LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado no município do interior do estado, que se localiza a uma latitude 09°54'48" sul e uma longitude 63°02'27" oeste, estando a uma altitude de 142 metros, a 203 quilômetros da capital, situado na porção centro-norte do estado de Rondônia – Brasil.

É um município brasileiro do estado de Rondônia, constituído em 21 de novembro de 1977. O referido município é hoje a terceira maior cidade do estado de Rondônia com aproximadamente uma população de 106.168 habitantes e, possui um dos maiores pólos de educação superior da região. A cidade cresceu com base na migração, com muitos migrantes vindos do Rio Grande do Sul e Paraná.

Precisamente a pesquisa foi realizada nas dependências de uma Instituição de Ensino Superior (IES), que oferece 18 cursos de graduação, dentre estes o curso de Enfermagem.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população do estudo compreendeu os acadêmicos do curso de Enfermagem. Fizeram parte do estudo 273 acadêmicos englobando todos os períodos, utilizou-se o processo de amostragem por conveniência, obedecendo aos seguintes critérios:

- INCLUSÃO:
 - Estar regularmente matriculado no curso de Enfermagem cursando o primeiro e o último ano nas dependências da Instituição;
 - Possuir maioridade;
 - Concordar em participar do estudo;
 - Expressar aceite em participar da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- EXCLUSÃO:
 - Ser acadêmico regularmente matriculado na Instituição, cursando outros cursos da área da saúde que não o de enfermagem;
 - Possuir menoridade;
 - Recusar-se em participar do estudo;
 - Não expressar aceite na participação do estudo por meio do TCLE;

De acordo com Oliveira (2001), amostra por conveniência é aquela onde se recrutam os sujeitos disponíveis a participar do estudo, tais como estudantes numa sala de aula. Este tipo de amostragem é adequada e frequentemente utilizado para gerar ideias em pesquisas exploratórias, principalmente. Amostras por conveniência podem ser facilmente justificadas em um estágio exploratório da pesquisa e rápidas de serem executadas.

4.4 COLETA DOS DADOS

4.4.1 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados utilizado no estudo para avaliar o consumo de álcool entre os acadêmicos do curso de Enfermagem foi o AUDIT, conhecido pelas iniciais de seu nome original em inglês: AUDIT (Alcohol Use Disorders Identification Test) que traduzido para o português, significa “Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool”, e a palavra “AUDIT” em inglês significa “auditar”. Este questionário é usado para a identificação de problemas associados ao uso de álcool. Segundo Brasil (2014), é simples e fácil de ser aplicado, além de ser abrangente, por detectar diferentes níveis de problemas associados ao consumo do álcool.

O questionário é constituído por 10 (dez) perguntas fechadas que objetivam identificar o comportamento dos últimos 12 (doze) meses em relação ao uso de álcool.

As três primeiras perguntas avaliam a quantidade e frequência do uso regular ou ocasional do álcool; as três seguintes investigam os sintomas de dependência; e as quatro últimas se referem a problemas recentes na vida do indivíduo relacionados ao consumo de álcool (RODRIGUES, 2007).

O AUDIT apresenta as chamadas “zonas de risco”, de acordo com o intervalo de pontuação. O padrão de beber de baixo risco, zona I, refere-se àqueles que pontuam de 0 a 7 e que podem se beneficiar com informações sobre consumo do álcool. O padrão de médio risco, zona II, refere-se àqueles que pontuam de 8 a 15. Estes, mesmo que não estejam apresentando problemas, correm o risco de, em futuro próximo, ter problemas de saúde e sofrer ou causar ferimentos, violências, problemas legais ou sociais e/ou ter baixo desempenho nos estudos devido a episódios de intoxicação aguda. Nesse caso, orientações sobre o consumo de álcool e estabelecimento de metas para diminuir o padrão a limites de baixo risco, normalmente são suficientes.

O padrão de alto risco ou uso nocivo, zona III, inclui os que pontuam entre 16 e 19. Estes, provavelmente, já apresentam problemas e mantêm uso regular, excedendo os limites, e se beneficiariam de educação para o uso de álcool,

aconselhamento para a mudança do padrão de beber, análise dos fatores que contribuem para o beber excessivo e treinamento de habilidades para lidar com estes fatores.

A chamada zona IV inclui os que obtiveram pontuação igual ou superior a 20. Estes são prováveis portadores de síndrome de dependência do álcool e deveriam ser encaminhados a uma avaliação especializada para confirmação diagnóstica e possibilidade de tratamento específico.

Além do questionário AUDIT, um conjunto de 8 (oito) perguntas sobre características socioeconômicas foi utilizado para auxiliar no delineamento do perfil dos referidos sujeitos, tal como o objetivo deste estudo.

4.4.2 Procedimento de Coleta de Dados

Utilizou-se do processo de amostragem por conveniência e observou-se os critérios de inclusão do estudo, os acadêmicos disponíveis no momento da inserção foram convidados a participar do estudo.

O pesquisador se apresentou nas datas estipuladas pelo cronograma fornecido pela coordenação do curso de Enfermagem para cada turma. O cronograma obedeceu à recomendação de inserção turma a turma, em período letivo regular. Na oportunidade foram realizados esclarecimentos pertinentes da pesquisa, como título, objetivo e contribuições do estudo. Foi ressaltado o caráter voluntário de participação na pesquisa.

Desta forma, aqueles que aceitaram participar do estudo foram convidados para assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e responderam aos questionários que lhes foram apresentados de modo físico através da impressão dos instrumentos.

A atividade de preenchimento de questionários é considerada simples e de fácil entendimento. Ainda assim, o pesquisador se prontificou a auxiliar os sujeitos em qualquer dificuldade.

Durante todo o processo de coleta de dados, o pesquisador esteve presente no ambiente, de modo a acompanhar o estudo, sendo possível sanar quaisquer dúvidas sobre o TCLE e instrumentos de coleta de dados que os sujeitos da

pesquisa eventualmente pudessem apresentar. Ressaltou-se o caráter sigiloso das informações que alimentaram os questionários.

A aplicação de tais documentos para a coleta de dados teve o tempo de uma hora (sessenta minutos) de duração.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Com os dados coletados foi possível analisá-los por meio da estatística descritiva, utilizando gráficos e tabelas para a tabulação. Para realização de tais análises estatísticas utilizou-se o *Software Microsoft Office Excel 2010* e o SPSS, que antes denominava-se por sua sigla *Statistical Package for the Social Sciences*, constituindo um pacote estatístico para as ciências sociais. O SPSS é um *software* apropriado para a elaboração de análises estatísticas de matrizes de dados. O seu uso permite gerar relatórios tabulados, gráficos e dispersões de distribuições, utilizados na realização de análises descritivas e de correlação entre variáveis.

Observaram-se algumas relações dentre as variáveis dos questionamentos utilizados neste estudo, para tanto, pretendeu-se aplicar o teste X^2 (qui-quadrado) e análise de regressão linear. A análise de regressão linear (simples) consiste na realização de análise estatística que objetiva investigar a existência de uma relação funcional entre uma variável com uma ou mais variáveis.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O estudo adequou-se ao que se solicitou na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, portanto obedeceu às diretrizes que regulamentam a pesquisa com seres humanos. A referida pesquisa foi um recorte da dissertação de Mestrado da pesquisadora Jessica de Sousa Vale com o tema: Perfil dos acadêmicos dos cursos da área da saúde em relação ao consumo de álcool em uma instituição de ensino superior no município de Ariquemes – RO. Esta pesquisa já foi aprovada pelo CEP da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), mediante ao parecer do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética CAAE: 98147118.7.0000.5498. Portanto é um recorte de um estudo macro com exata metodologia utilizada. Neste

sentido, teve o mesmo tempo de coleta e sujeitos a serem abordados, inclusive a mesma análise de dados.

Os benefícios deste estudo consistiram na identificação do comportamento do consumo de álcool da população em questão e partir de então, propostas para ações de promoção da saúde e prevenção de agravos associados a este público universitário eventualmente podem ser desenvolvidas, enquanto um produto específico a tal segmento.

As informações obtidas neste estudo foram sigilosas, e aos sujeitos da pesquisa foi permitida a retirada do consentimento em qualquer momento, sem quaisquer prejuízos. Da mesma forma, nenhuma remuneração ou benefício direto foi oferecido aos participantes do estudo, visto que se tratou de uma atividade de caráter totalmente voluntário.

Ressalta-se ainda que o risco de participação no estudo foi considerado mínimo, pois caracterizou-se por desconforto e/ou constrangimento diante dos questionamentos dos instrumentos de coleta de dados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O público selecionado foram 273 acadêmicos do Curso de Enfermagem englobando todos os períodos. No entanto, utilizando amostragem por conveniência, a pesquisa coletou questionário de 189 discentes. Quanto ao ano que estavam cursando a graduação, 18,5% (n=35) eram do primeiro ano; 19,7% (n=37) do segundo; 11,6% (n= 22) do terceiro; 21,1% (n=40) do quarto; e 29,1% (n=55) do quinto.

Os dados sociodemográficos revelaram que os participantes do estudo eram principalmente do sexo feminino (n= 157; 83%); da cor parda (n= 104; 55%); solteiros (n=138; 73%); com faixa etária na média de 24,82 (desvio padrão 5,79) anos de idade (idade mínima=18; idade máxima=64); evangélicos (n= 100; 52,9%) e tendo como município de residência Ariquemes (n=135; 71,4%).

Tabela 1- Definição dos dados sociodemográficos dos acadêmicos do curso de Enfermagem, abril de 2019

Caracterização Sociodemográfica		
Ano do Curso	n	%
Primeiro ano (1º e 2º períodos)	35	18,5
Segundo ano (3º e 4º períodos)	37	19,7
Terceiro ano (5º e 6º períodos)	22	11,6
Quarto ano (7º e 8º períodos)	40	21,1
Quinto ano (9º e 10º períodos)	55	29,1
Sexo	n	%
Feminino	157	83,1
Masculino	32	16,9
Cor	n	%
Parda	104	55,6
Preta	24	12,8
Branca	54	28,9
Indígena	2	1,1
Amarela	3	1,6

Estado Civil	n	%
Solteiro	138	73
Casado	29	15,3
Separado	3	1,6
Viúvo	1	0,5
Outros	16	8,4

Crença religiosa	n	%
Católica	68	36
Evangélica	100	52,9
Espírita	3	1,6
Outra	1	0,5
Não possui	17	9

Município de residência	n	%
Alto Paraíso	6	3,1
Ariquemes	135	71,4
Buritis	6	3,1
Cacaulândia	9	4,7
Campo Novo de Rondônia	4	2,1
Cujubim	2	1
Jaru	4	2,1
Monte Negro	13	6,8
Rio Crespo	5	2,6

Total	189	100
--------------	------------	------------

Fonte: Autor.

No estudo de Medeiros et al. (2017), que caracterizou o uso do álcool e outras drogas como fator social entre os acadêmicos do curso de psicologia de uma IES do município de Montes Claros- MG, houve uma discrepância significativa da presença do sexo feminino 82,7%, de cor parda 57,29% e solteiros 70,17%.

Na pesquisa realizada por Pelicioli et al. (2017), que buscou investigar o consumo de álcool entre acadêmicos dos cursos da saúde de uma Universidade do Rio Grande do Sul, encontrou-se uma predominância de acadêmicas mulheres 82,9%, com idade variando entre 18 a 34 anos. Maciel e Vargas (2017) em estudo

realizado com acadêmicos do curso de enfermagem de uma ISE de Mato Grosso verificaram que a maioria era do sexo feminino 65,6% média de idade 23,9 anos.

Resultados encontrados por Fernandes et al. (2019), em seu estudo realizado em uma IES do Piauí, verificou-se a predominância de acadêmicos solteiros 71,3%, do sexo feminino, com a média de idade de 17,5 anos e católicos 62,2%.

Os achados de Sousa et al. (2018), realizados em uma ISE de São Paulo com alunos do curso de Enfermagem buscando avaliar o uso de álcool no *padrão binge drinking*^{1*} e a sua associação com o tabaco, corroboram com a presente pesquisa, pois a maioria dos acadêmicos eram do sexo feminino 75,3%, solteiros 57,7%, com média de idade de 26,6 anos e católicos.

De acordo com estudo realizado por Barros e Mourão (2018), que buscaram entender o panorama da mulher no cenário da educação superior, constataram que os cursos da área da saúde são mais procurados pelas mulheres. A predominância das mulheres por cursos da saúde ultrapassam os 70%, o que confirma os dados encontrados na pesquisa. Neste sentido, entende-se que a diferença entre gêneros possa ser explicada pelo ato de cuidar, ser algo inteiramente ligado ao instinto feminino (SILVA et al., 2019).

De acordo com IBGE (2017), a formação étnico-racial de cada região está relacionado com o processo de ocupação territorial. Em pesquisa realizada pelo Instituto, entre os anos de 2012 e 2016, constatou-se um aumento da população autodeclarada cor parda e um declínio dos brancos. A região Sul apresentou população predominante branca 76,8%, em contrapartida a região Norte com população parda 72,3%, confirmando os dados encontrados nesta pesquisa, onde mais da metade dos acadêmicos se autodeclararam pardos.

Em relação ao fator étnico, identificou-se que o nosso país apresenta uma miscigenação racial, apresentando raças diversas, contextualizando uma maior participação dos autodeclarados pardos em seguida os brancos e negros, não havendo uma porcentagem significativa para os índios e asiáticos (SILVA et al., 2015).

No estudo sobre religião, com destaque para a Instituição Católica e Evangélica, no Brasil o estado com maior população evangélica é Rondônia com

¹ *Padrão binge drinking* é definido como a ingestão de cinco ou mais doses de álcool na mesma ocasião (SOUSA et al., 2018).

aproximadamente 35%. Vale destacar que a população evangélica está em forte crescente nos últimos anos, em contrapartida seguidores católicos estão diminuindo, o que corrobora com a pesquisa onde os acadêmicos apresentam em sua maioria seguidores da opção religiosa evangélica (REIS; MANDUCA; CARMO, 2018).

A prevalência de acadêmicos residentes da cidade de Ariquemes está diretamente relacionado pela razão de a IES, local de estudo, estar situado no referido município, onde se encontram a maioria dos alunos.

Através dos resultados obtidos também foi possível analisar outras características sociodemográficas e culturais. A maioria dos acadêmicos responderam que moram com os pais (n=96; 50,8%), possuem renda familiar entre os valores de um a três salários mínimos (n=87; 46%), questionados sobre renda própria (n=68; 36%) afirmaram não terem renda e conterem os gastos financiados pelos pais ou outras pessoas e quando indagados sobre a alternativa que mais se enquadrava como atividade de lazer, informaram caracterizar-se por ficar em casa assistindo TV e/ou navegando na *internet* (n=121; 65,1%).

Tabela 2- Definição dos dados sociodemográficos dos acadêmicos do curso de Enfermagem, abril de 2019

Caracterização sociodemográfica		
Com quem reside	n	%
Sozinho(a)	27	14,3
Companheiro(a)	23	12,2
Companheiro(a) e filhos	22	11,6
Amigos e/ou familiares	21	11,1
Pais	96	50,8
Renda familiar	n	%
Até 1 salário mínimo	21	11,2
De 1 a 3 salários mínimos	87	46,5
De 3 a 4 salários mínimos	44	23,5
De 4 a 6 salários mínimos	26	13,9
De 6 a 10 salários mínimos	9	4,9
Renda própria	n	%
Não tenho renda e meus gastos são	68	36

financiados pela minha família ou por outras pessoas.		
Tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas para financiar meus gastos.	55	29,1
Tenho renda e não preciso de ajuda para financiar meus gastos.	27	14,3
Tenho renda e contribuo com o sustento da família.	29	15,3
Sou o principal responsável pelo sustento da família.	10	5,3
Lazer	n	%
Praticar esportes e/ou alternativas de atividades físicas	19	10,2
Teatro, cinema, museus e demais atividades culturais	14	7,5
Sair para bares, baladas e/ou demais locais com música e bebida	20	10,7
Ficar em casa assistindo TV, navegando na <i>internet</i>	121	65,1
Sair para compras em <i>shoppings</i> e/ou centros comerciais	12	6,4
Total	463	100

Fonte: Autor.

Gomes et al. (2018), em seu estudo sobre o uso de bebidas alcoólicas entre universitários, constatou que havia uma predominância por quem morava com os pais 49%, seguido de quem mora com companheiro(a) 27%. Em seus achados

Nogueira et al. (2018), também afirma que cerca de 79% dos acadêmicos residem com os pais ou familiares.

Em seus achados, Melo (2018), reitera em seu estudo realizado na Universidade Federal de Mato Grosso que 69,46% dos ingressantes residem com os pais, corroborando com o valor encontrado na presente pesquisa.

Rodrigues (2019), afirma que com relação a moradia há predominância de quem reside sozinho 30,1%, seguido de quem mora com os pais 28,9%.

Em estudo realizado em um centro universitário do nordeste com acadêmicos do curso de Enfermagem, foi possível constatar que a maioria 54,8% declaram renda total da família entre 1 a 3 salários mínimos, seguido por renda entre 4 a 6 salários mínimos 15,6% (FERNANDES et al., 2019).

Costa et al. (2019), em estudo com objetivo de descrever o consumo de álcool entre acadêmicos da região nordeste do Brasil, constatou que a maioria dos acadêmicos 70,46% declararam possuir renda familiar entre 1 a 3 salários mínimos.

Já em relação a renda própria Sousa et al. (2018), em estudo com acadêmicos do curso de enfermagem de uma IES do estado de São Paulo, encontrou que 69,2% realizavam atividades remuneradas e tinham sua própria renda. Entretanto Porto et al. (2018), em pesquisa realizada com acadêmicos dos cursos de Administração, Educação Física, Enfermagem e Pedagogia de uma Universidade Pública, identificou que 51,4% dos acadêmicos declararam não trabalharem e não possuem renda própria sendo sustentados pelos pais. Nogueira et al. (2018), em pesquisa com acadêmicos do curso de medicina, verificou que 80,8% não possuíam trabalho e dependiam integralmente da renda dos pais ou parentes, dados que coincidem ao levantado na presente pesquisa.

Achados de Farias et al. (2019), em estudo realizado com acadêmicos do curso de medicina de uma IES do estado do Rio de Janeiro, mostram que 64,09% dos acadêmicos declararam praticar alguma atividade física durante a semana por pelo menos uma vez. Na mesma investigação constatou-se que 93,01% possuíam momentos de lazer durante a semana. Nogueira et al. (2018), constatou que 61,9% de seu público pesquisado realizava alguma atividade física como opção de lazer.

Em estudo realizado por Lima (2018), com acadêmicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, constatou-se que 86% dos pesquisados declararam participarem de festas e reuniões com bebidas alcoólicas como prática de lazer e

momento de socialização com outras pessoas. Gomes et al. (2018), afirma que a maioria dos acadêmicos 73,5% usam a bebida como meio de diversão ou descontração. Romera et al. (2018), em comparativo realizado entre acadêmicos do Brasil e de Portugal, verificou que com relação ao tempo destinado ao lazer 31% preferem praticar esportes, sair com amigos 18,8% e namorar 13,4%.

Os achados em outros estudos demonstram uma significativa diferença ao encontrado nesta pesquisa, visto que, os acadêmicos pesquisados para este estudo, 65,1% declararam como opção de lazer ficarem em casa assistindo TV ou acessando Internet.

Com relação a ferramenta AUDIT, a maioria dos acadêmicos (50,2%) expressaram consumir tipicamente uma ou duas doses quando ingerem bebidas alcoólicas; (59,7%) nunca terem bebido seis ou mais doses em uma única ocasião; ((86,2%) nunca beber sem conseguir parar após ter começado; (84,1%) não deixar de realizar o que é esperado de si em decorrência do uso do álcool; (95,7%) nunca necessitar ingerir bebida alcoólica pela manhã para sentir-se bem; (71,9%) não sentir culpa ou remorso após o uso de álcool; e (76,7%) quando questionados sobre sentirem-se incapazes de lembrar o que aconteceu porque haviam bebido, foi predominante a negação ao evento.

Através das duas últimas questões do AUDIT é possível compreender um período que antecede os últimos doze meses, onde são contemplados como espaço temporal a ser considerado para responder o questionário. Foi predominante o número de acadêmicos que negaram causar ferimentos ou prejuízos a si ou a terceiros após ter ingerido bebida alcoólica (86,7%); e relataram não despertar preocupação de outras pessoas pelo consumo de álcool ou ainda sugestão para parar de beber (80,9%).

Tabela 3- Distribuição de quantidade e frequência dos sintomas e problemas associados ao consumo de álcool entre os acadêmicos

Item AUDIT	Descritivo	n	%
Número de doses consumidas tipicamente	1 ou 2	98	50,2
	3 ou 4	45	23,8
	5 ou 6	22	11,6
	7, 8 ou 9	9	4,7

	10 ou mais	15	7,9
	Nunca	113	59,7
Seis ou mais doses em uma única ocasião	Menos do que uma vez ao mês	37	19,5
	Mensalmente	26	13,7
	Semanalmente	13	6,8
	Todos ou quase todos os dias	0	0
	Nunca	163	86,2
Beber sem achar que consegue parar após ter começado	Menos do que uma vez ao mês	12	6,3
	Mensalmente	8	4,2
	Semanalmente	6	3,1
	Todos ou quase todos os dias	0	0
	Nunca	159	84,1
Não conseguir fazer o que é esperado de si devido ao uso de álcool	Menos do que uma vez ao mês	23	12,1
	Mensalmente	3	1,5
	Semanalmente	4	2,1
	Todos ou quase todos os dias	0	0
	Nunca	181	95,7
Necessidade de beber pela manhã para sentir-se bem	Menos do que uma vez ao mês	6	3,1
	Mensalmente	2	1
	Semanalmente	0	0
	Todos ou quase todos os dias	0	0
	Nunca	136	71,9
Sentimento de culpa ou remorso depois de beber	Menos do que uma vez ao mês	31	16,4
	Mensalmente	11	5,8
	Semanalmente	5	2,6
	Todos ou quase todos os dias	6	3,1
	Nunca	145	76,7
Incapacidade de lembrar o que	Menos do que uma	35	18,5

aconteceu porque havia bebido	vez ao mês		
	Mensalmente	7	3,7
	Semanalmente	2	1
	Todos ou quase todos os dias	0	0
Causar ferimentos ou prejuízos a si ou a terceiros após ter bebido	Não	164	86,7
	Sim, mas não nos últimos 12 meses	19	10
	Sim, nos últimos 12 meses	6	3
Despertar preocupação de outras pessoas pelo uso de álcool ou sugestão para parar de beber	Não	153	80,9
	Sim, mas não nos últimos 12 meses	17	9
	Sim, nos últimos 12 meses	19	10,1

Fonte: Autor.

Em estudo realizado por Gomes et al. (2018), com a população acadêmica de uma IES do Estado da Paraíba, constatou que a maioria 57,6% bebiam mais de 5 doses de bebidas alcoólicas e que apenas 18,2% afirmaram beber entre 1 e 2 doses de álcool. Nos achados de Machado et al. (2016), entre os pesquisados 41% afirmaram ingerir 1 ou 2 doses de bebida alcoólica.

Nóbrega et al. (2019) também afirmam que 74% dos acadêmicos ingerem mais de 5 doses. Sousa et al. (2018), pontuam que em seu estudo 29,2% consumiam entre 7 e 9 doses de álcool e que 21,3% ingeriam entre 1 ou 2 doses.

No estudo de Sousa et al. (2018), com acadêmicos do curso de enfermagem, foi observado que 31,5% dos pesquisados ingeriam mais de 6 doses em uma única ocasião por pelo menos uma vez ao mês, seguido por quem bebia quase todos os dias 29,2%. Já Terra Júnior (2018), em pesquisa realizada na busca do perfil dos universitários da área da saúde com relação a substâncias psicoativas, constatou que 54,1% dos entrevistados nunca haviam consumido 5 ou mais doses em uma mesma ocasião, dados que se assemelham ao encontrado nesta pesquisa.

Analisando o consumo de álcool entre os trabalhadores da Estratégia Saúde Família (ESF), Carlos, Herval e Gontijo (2018), verificaram que com relação a beber

sem achar que conseguem parar após terem começado 91% afirmaram conseguirem parar quando desejavam e que apenas 2% não conseguíam parar após terem começado. Silva et al. (2015) ainda constata que o consumo de álcool em sua maioria está inserido em ambientes de festas e confraternizações, o que dificulta pararem quando desejavam.

Franco (2016), em estudo realizado com professores universitários e o consumo de álcool, observou-se que 95,5% dos entrevistados nunca tiveram dificuldades para interromper o consumo. As análises encontradas relacionados a esse assunto corroboram com as respostas encontradas neste estudo.

Em pesquisa realizada com professores de ensino superior público e privado Franco e Monteiro (2016), constataram que 86,7% e 92,5% respectivamente inferiram que o consumo de álcool nunca interferiu na realização de suas atividades. Gomes et al. (2018), reitera em sua pesquisa que a maioria 65,7% dos acadêmicos pesquisados nunca tiveram problemas em seus compromissos posteriores ao uso de álcool. No mesmo estudo o autor afirma que apenas 20,9% relataram terem ausência nas aulas e compromissos por terem consumido bebidas alcoólicas. Os dados coletados por meio desta pesquisa correspondem aos dados encontrados em outros estudos, onde a maioria dos usuários da substância não referiram problemas ao executar atividades que eram esperadas de si.

Na abordagem realizada por Machado et al. (2016), com acadêmicos do curso de medicina de uma IES de Minas Gerais, quando questionados sobre a necessidade de ingerir bebida alcoólica pela manhã para se sentir bem, a maioria 96,5% afirmaram que nunca precisaram e que apenas 2,8% beberam menos que uma vez no mês.

Nos achados de Carlos, Herval e Gontijo (2018), valores semelhantes foram encontrados, onde 98% nunca beberam para se sentirem bem e somente 2% alegaram beber menos que uma vez no mês. Esses estudos corroboram ao encontrado na presente pesquisa onde 95,7% afirmaram nunca beberam para se sentirem bem no dia seguinte.

Franco e Monteiro (2016), em sua pesquisa afirmam que 90,7% relataram não sentir culpa ao consumir bebidas alcoólicas. Na mesma perspectiva Silveira et al. (2018), em levantamento realizado com estudantes de escola pública do Rio Grande do Sul no intuito de analisar o consumo indevido de álcool, constatou que 85%

nunca sentiram e que apenas 6% sentiram por pelo menos uma vez no mês. As análises encontradas coincidem com as encontradas no presente estudo, o que demonstra ser uma tendência nas pesquisas relacionadas com essa temática.

Nos estudos de Gomes et al. (2018), constatou-se que entre os acadêmicos do curso de enfermagem de uma IES, 53,7% afirmaram que pelo menos, uma vez, já tiveram um ou mais episódios de embriaguez e, pelo menos, uma vez, esqueceram-se de fatos ocorridos no dia em que consumiram derivados do álcool.

Carlos (2017), em pesquisa realizada com profissionais da saúde, contrariam os valores já apresentados, visto que em sua coleta 92% responderam que nunca esqueceram de algo que havia acontecido por estarem bebados, somente 7% informaram que esqueceram mas que não mais do que uma vez no mês.

Corroborando com os dados encontrados pelo autor citado anteriormente, Silveira et al. (2018), afirma que 82% se lembram do ocorrido anteriormente e apenas 9% não se lembram do ocorrido na noite em que ingeriram bebidas alcoólicas.

De acordo com estudo realizado por Oliveira, Farinha e Gomide Junior (2016), em estudantes de Ciências Agrárias de uma Universidade Pública do Centro-Oeste brasileiro, com relação a causar ferimentos ou prejuízos a si ou a terceiros após uso de álcool constataram que entre os acadêmicos que participaram da pesquisa 84,71% afirmaram nunca terem passado por episódio desse tipo, no entanto 8,24% responderam terem causado ferimento em alguém no último ano.

Villa (2017), em estudo realizado com jovens quilombolas com idade entre 12 a 18 anos, verificou que 85% nunca causaram e 15% que pelo menos uma vez no último ano. Os trabalhos encontrados corroboram com as respostas encontradas nesta pesquisa, o que demonstra ser uma tendência em outros estudos.

Segundo pesquisa realizada por Gomes et al. (2018), com estudante dos 3 primeiros anos do curso de medicina de uma faculdade do Rio de Janeiro, foi visto que dos acadêmicos 11,2% declararam que nos últimos 12 meses algum familiar, amigo ou médico havia se preocupado com o seu consumo de álcool.

Ferreira et al. (2011), em estudo visando reconhecer o perfil do consumo de álcool da população maiores de 14 anos de um município da região Nordeste, observou que 73,7% negaram terem recebido conselho para que parassem de beber, 13,7% relataram que sim, mas não no último ano e 12,6% receberam

sugestão para parar de beber no último ano. No estudo apresentado por Carlos (2017), verificou que 97% das respostas afirmaram que ninguém demonstrou preocupação relacionado ao uso de álcool, no entanto 3% afirmaram que familiares se preocuparam com o abuso de bebidas alcoólicas.

A tendência é que quanto maior o consumo de bebidas derivadas do álcool maior é a preocupação dos familiares, amigos e profissionais da saúde. No mesmo sentido, em pesquisa realizada com acadêmicos do curso de medicina, verificou que o grupo que obteve um valor de score AUDIT maior, representando um consumo perigoso de álcool foi o que recebeu mais conselhos de familiares, amigos e médicos (GOMES et al., 2018).

Em conformidade aos valores obtidos do estudo, os escores do AUDIT tiveram uma maior concentração na Zona I, classificado como consumo de baixo risco (n=136; 73,1%), seguida pela Zona II (n=38; 20,4%), Zona III (n=3; 1,6%) e Zona IV (n=9; 4,8%) como provável dependência.

Tabela 4- Caracterização do consumo de álcool de acordo com as zonas de risco

Nível de Uso de Álcool – AUDIT		
	n	%
Zona I	136	73,1
Zona II	38	20,4
Zona III	3	1,6
Zona IV	9	4,8
Total	189	100

Fonte: Autor

Em estudo realizado por Carlos, Herval e Gontijo (2018), visualizou-se que 92% dos pesquisados apresentavam consumo de baixo risco e que apenas 1% se enquadravam como provável dependência. Confirmando o apresentado pelos autores, Gomes et al. (2018) constata que em sua análise em acadêmicos verificou-se que 66,8% se apresentavam como consumidores da Zona I e que 29,1% Zona II. Quando comparado o consumo de álcool entre sexo feminino e masculino, só o masculino apresentou provável dependência.

Nos achados de Leite et al. (2016), em pesquisa com acadêmicos de Enfermagem, 93,3% apresentaram consumo caracterizado como baixo. Neste sentido, não necessitando uma intervenção, mas sim promoção de educação como prevenção para um consumo abusivo. Neste mesmo estudo, 3,3% apresentaram uma possível dependência para bebidas alcoólicas, sendo necessário o encaminhamento a um especialista para futuro diagnóstico adequado e tratamento.

Verificando o consumo de bebidas destiladas em estudantes do curso de enfermagem, Maciel e Vargas (2017), identificaram que 25,1% estavam na Zona I, 48,5% na Zona II, 19% na Zona III e 7,4% Zona IV. Em estudo similar Fernandes et al. (2019), averiguou que 44% estavam na Zona II e que 35% apresentavam consumo nocivo de bebidas alcoólicas. Vale destacar que ambos os estudos citados apresentam achados com consumo expressivo na Zona II, ao contrário do encontrado na presente pesquisa com maioria na Zona I.

Associando o consumo de bebidas derivadas de álcool e o sexo desprotegido em uma cidade do Sul do Brasil, Dallo e Martins (2018), constataram que a maioria dos pesquisados 86% estavam na zona de baixo risco e apenas 10,8% apresentam uso de risco. Em estudo realizado por Barros e Costa (2019), com o intuito de analisar o perfil do estudante universitário relacionado ao consumo de álcool, verificaram que 76,6% dos acadêmicos foram diagnosticados como consumidores de baixo risco, enquanto que 23,4% foram considerados bebedores problemáticos.

Neste sentido, no que se relaciona ao padrão de consumo de acordo com o AUDIT, é possível depreender que o uso de bebidas alcoólicas de baixo risco apresenta-se com predominância na maioria das amostras identificadas, inclusive a no estudo em tela. Contudo, é imprescindível centralizar esforços para os acadêmicos, que em menor número, fazem uso de alto risco e estão se direcionando para uma possível dependência, para que as intervenções possam apresentar resultados positivos futuramente e reduzir os malefícios decorrentes do consumo abusivo de álcool, principalmente os que se referem à violência, infecções sexualmente transmissíveis e aos acidentes (FELIPE; GOMES, 2014).

Quando comparados os escores do AUDIT e a caracterização sociodemográfica e cultural, através do teste X^2 (qui-quadrado), relacionando religião e consumo de álcool não apresentou significância ($p= 0,187$), visto que para apresentar significância é preciso que valor de ($p\leq 0,05$). No entanto, foram

verificadas relações estatisticamente significativas para as variáveis: estado civil (0,044), renda ($p=0,001$) e atividade de lazer ($p=0,000$).

Tabela 5- Relação de significância entre religião e escore AUDIT

		Nível de Uso de Álcool – AUDIT				
		Zona I	Zona II	Zona III	Zona IV	Total
RELIGIÃO	Católica	44 64,7%	17 25%	2 3%	5 7,3%	68 100,0%
	Evangélica	81 81%	17 17%	1 1%	1 1%	100 100,0%
	Espírita	3 100%	0 0%	0 0,0%	0 0,0%	3 100,0%
	Não possui	10 58,8%	5 29,4%	0 0%	2 11,8%	17 100,0%
Total		138 73,4%	39 20,7%	3 1,6%	8 4,3%	188 100,0%

*Relação de significância entre religião e classificação AUDIT ($p= 0,187$).

Fonte: Autor

Já no estudo realizado por Sousa et al. (2018), com estudantes de enfermagem do estado de São Paulo, apresentou significativa relação entre a religião e o consumo de álcool. Nos achados de Carneiro et al. (2014), realizado com 404 acadêmicos de cursos da área da saúde de uma universidade de Minas Gerais, verificou que a relação entre religião e o consumo de álcool apresentou forte significância.

Em outra pesquisa realizada com alunos do curso de medicina, que buscava verificar tanto o predomínio de beber de forma exagerada, quanto os possíveis fatores associados a este problema, identificou que a religião atuava como fator de proteção para um consumo abusivo de álcool entre os estudantes do sexo masculino (CARNEIRO et al., 2012).

Em estudo realizado por Romera et al. (2018), observou-se que a relação entre religião e o consumo de álcool apresentou significância estatística. Os autores ainda pontuam que a não proteção religiosa em relação ao consumo se deve a publicidade exercida pelas marcas de bebidas em rede televisiva.

Na investigação, buscando identificar o consumo de etanol e os princípios religiosos de acadêmicos de enfermagem, Funai e Pillon (2011), identificaram que os seguidores de religião espírita apresentaram forte relação com o consumo de álcool. Porém, os seguidores da igreja católica e evangélicos não apresentaram significância.

Nos achados de Silva, Gimenez-Paschoa e Martins (2017), em estudo com o intuito de verificar a existência relacionada entre religião e consumo de bebida alcoólica entre estudantes do ensino fundamental, constataram que esses dois dados estabelecem uma relação significativa, mesmo a religião sendo uma forma de evitar esse consumo.

Em estudo realizado com acadêmicos de uma Universidade do Sul, quando relacionado estudantes que optavam por uma opção religiosa, não houve relação significativa entre religião e os escores do AUDIT. No entanto, quando relacionado o consumo de quem se declarou sem religião, a significância foi de ($p=0,005$), demonstrando fator religioso como proteção para o consumo de álcool (PELICIOLI et al., 2017).

Neste sentido, Ferreira et al. (2013), em estudo realizado com pessoas maiores de 14 anos no estado da Bahia, na busca da prevalência e fatores para o consumo abusivo de bebidas alcoólicas, constataram que a opção religiosa é sim um fator determinante para uma inibição ao consumo de etanol. No entanto, nesta mesma pesquisa, diferenciando opção evangélica de opção católica, somente a católica demonstrou significância com relação ao consumo de álcool.

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa macro que apresentou significância para religião e álcool. No entanto, ao analisar um grupo específico a presente pesquisa não apresentou relação significativa estatisticamente entre religião e o álcool.

Esta ausência de relação pode estar relacionado ao fato que religião é uma fonte de força e apoio pessoal, uma base de orientação de vida mais positivista e maior resistência ao estresse e proporcionando menos ansiedade, favorecendo uma visão propícia na proteção ao uso abusivo de álcool (OLIVEIRA et al., 2017).

Quando relacionado as variáveis estado civil e o escore encontrado pelo AUDIT, demonstrou relação estatística ($p=0,044$) para pessoas que declararam estarem solteiras. Corroborando com esta perspectiva, Machado et al. (2017),

através de uma pesquisa transversal tendo como base os dados da PNS de 2013, verificaram que quando relacionado estado civil e o consumo de bebidas alcoólicas, esta relação apresentou estatística significativa para pessoas solteiras.

Tabela 6- Relação de significância entre estado civil e escore AUDIT

		Nível de Uso de Álcool – AUDIT				Total
		Zona I	Zona II	Zona III	Zona IV*	
ESTADO CIVIL	Solteiro	98 71,5%	31 22,5%	1 0,7%	8 5,8%	138 100,0%
	Casado	25 86,2%	3 10,3%	0 0%	1 3,4%	29 100,0%
	Separado	1 33,3%	2 66,7%	0 0%	0 0%	3 100,0%
	Viuvo	1 100%	0 0%	0 0%	0 0%	1 100,0%
	Outros	12 75%	2 12,5%	2 12,5%	0 0%	9 100,0%
Total		137 73,3%	38 20,3%	3 1,6%	9 4,8%	187 100,0%

*Relação de significância entre renda e classificação AUDIT ($p= 0,044$).

Fonte: Autor

O consumo é maior em pessoas com idade entre 18 e 24 anos, o que pode estar diretamente relacionado pelo fato de maior permissividade e incentivo da sociedade ao consumo desta substância entre a população mais jovem, isto ainda somado ao investimento pelas fabricantes de bebidas em estratégias de marketing dirigidas a esse público (ANDRADE, 2019).

Já nos achados de Jaeger, Mola e Silveira (2018), buscando avaliar os transtornos relacionados ao consumo de derivados de etanol em zona rural do Brasil, não encontraram relação com a variável estado civil e escore AUDIT. No entanto, pessoas que se declararam solteiras, revelaram prevalências superiores aos casados ou vivendo com companheiros. De acordo com os autores, essa preponderância pode estar diretamente relacionada ao fato de que pessoas com relacionamentos estáveis possuem melhores hábitos de saúde.

Em inquérito epidemiológico averiguando o consumo de bebidas alcoólicas em profissionais braçais no corte de cana-de-açúcar, Silva (2019), constatou forte significância em relação ao estado civil para indivíduos solteiros. Conforme a autora, pessoas solteiras demonstram maior interesse de busca pelo consumo do álcool, comparado àqueles que responderam ser casados, muito provavelmente pelas influências dos pares e para maior integração com grupo sociais.

Relacionando os escores do AUDIT com dados relacionados a renda, declarada pelos acadêmicos, esta apresentou uma relação de significância ($p=0,002$), demonstrando que o fator econômico influencia no consumo de bebidas alcoólicas. Visto que, conforme a sua renda for maior, maior será o seu poder de compra. Arroyave et al. (2016), em estudo realizado com acadêmicos constatou que os padrões de consumo de bebidas alcoólicas era predominante em pessoas com maiores rendas familiares.

Tabela 7- Relação de significância entre renda e escore AUDIT

		Nível de Uso de Álcool – AUDIT				
		Zona I	Zona II	Zona III	Zona IV*	Total
RENDA	Até 1 salário mínimo	15 71,4%	5 23,8%	0 0%	1 4,8%	21 100,0%
	De 1 a 3 salários mínimos	69 79,3%	15 17,2%	2 2,3%	1 1,1%	87 100,0%
	De 3 a 4 salários mínimos	34 77,3%	9 20,5%	1 2,3%	0 0%	44 100,0%
	De 4 a 6 salários mínimos	15 57,7%	7 26,9%	0 0%	4 15,4%	26 100,0%
	De 6 a 10 salários mínimos	4 44,4%	2 22,2%	0 0%	3 33,3%	9 100,0%
Total		137 73,3%	38 20,3%	3 1,6%	9 4,8%	187 100,0%

*Relação de significância entre renda e classificação AUDIT ($p= 0,002$).

Fonte: Autor

Em pesquisa realizada por Cibeira et al. (2013), buscando identificar a relação do consumo de bebida alcoólica e o excesso de peso em mulheres da região sul do Brasil, verificaram que a associação de álcool e o fator econômico não influenciava

no consumo. O estudo apresentou uma significância fraca positiva, demonstrando que a renda não está relacionado ao uso da substância.

Nos achados de Barros e Costa (2019), verificaram que quanto maior a renda da família, maior é o consumo de bebidas etílicas, com significância para famílias com renda superior 5 salários mínimos. No entanto, em pesquisa apresentada por Ferreira et al. (2011), demonstrou que pessoas com menor potencial econômico consomem mais, provavelmente para suprir a falta de atividades de lazer.

Em estudo elaborado por Vargas, Bittencourt e Barroso (2014), buscando descrever o consumo de álcool de usuários da atenção básica de uma cidade do sul do Brasil, verificou-se que pessoas que apresentaram pontuações sugestivas de problemas relacionados ao álcool, apresentavam renda familiar entre 1 e 5 salários mínimos. Em outro estudo com comunidade Quilombola a renda familiar entre 1 a 3 salários mínimos apresentou associação estatisticamente significante com o consumo de risco (VILLA, 2017).

Aquino et al. (2019), em pesquisa realizada com estudantes de escolas públicas de Pernambuco, constataram que não houve estatística significativa, relacionando o consumo de álcool e a renda familiar, porém foi observado que a quantidade maior de participantes que fizeram o consumo de bebidas alcoólicas de risco pertenciam ao grupo que possuía renda maior que um salário mínimo. Neste sentido, outro estudo averiguou que a predominância de pessoas que bebem álcool, estão entre os que possuem uma renda maior (ARROYAVE et al., 2016).

Abordando o consumo de álcool entre servidores públicos da manutenção, Oliveira e Souza (2018), constataram que a renda entre 1 a 5 salários mínimos apresentou relação significativa para o consumo de bebidas alcoólicas. No entanto, servidores com maiores rendas não obtiveram relação estatística. Já nos achados de Guimarães e Tavares (2019), em pesquisa realizada com idosos e consumo abusivo de álcool, verificaram que não houve significância entre a renda familiar e o consumo de etanol.

Quando relacionado as variáveis lazer e o escore apresentado pelo AUDIT, apresentou-se significativa relação estatística ($p=0,000$) para “*sair para bares, baladas ou locais com música e bebida*”, como forma de lazer. Nos achados de Pelicioli et al. (2017), verificaram que participar de festas universitárias apresentou significância com relação ao consumo de álcool. Os autores ainda constatam que festas e bares

são momentos de interação social para diferentes grupos durante o período acadêmico.

Em estudo realizado por Pinheiro et al. (2017), com alunos do curso de medicina de quatro IES da região nordeste do Brasil, sendo duas públicas e duas particulares, constataram que a maioria dos estudantes que já haviam ingerido álcool, tanto do início como do meio do curso apresentaram relação estatisticamente significativa, afirmando fazerem uso de bebidas alcoólicas principalmente nas festas da faculdade e nos finais de semana como opção de lazer.

Tabela 8- Relação de significância entre lazer e escore AUDIT

	Nível de Uso de Álcool – AUDIT					
	Zona I	Zona II	Zona III	Zona IV*	Total	
LAZER	Praticar esportes e/ou alternativas de atividades físicas	12 63,2%	7 36,8%	0 0%	0 0%	19 100%
	Teatro, cinema, museus e demais atividades culturais	14 100,0%	0 0%	0 0%	0 0%	14 100%
	Sair para bares, baladas e/ou demais locais com música e bebida	5 25%	7 35%	0 0%	8 40%	20 100%
	Ficar em casa assistindo TV, navegando na internet	95 78,5%	22 18,2%	3 2,5%	1 0,8%	121 100%
	Sair para compras em shoppings e/ou centros comerciais	10 83,3%	2 16,7%	0 0%	0 0%	12 100%
	Total	136 73,1%	38 20,4%	3 1,6%	9 4,8%	186 100%

*Relação de significância entre lazer e classificação AUDIT (p= 0,000).

Fonte: Autor

Em trabalho realizado com graduandos do curso de enfermagem buscando captar a relação do consumo de álcool e o desempenho nas atividades curriculares da faculdade, identificou-se que a maioria dos acadêmicos afirmaram que o

consumo de bebida alcoólica é uma forma eficaz de divertimento e aproximação social. Os locais mais utilizados para esse consumo foram bares e danceterias e até mesmo familiares e amigos (SILVA et al., 2015).

Dutra e Menezes (2017), citam que os acadêmicos possuem uma rotina exaustiva, preenchida com trabalho e faculdade, diminuindo os momentos de lazer. Portanto, são poucas as opções de lazer, tornando mais viável festas universitárias permeada por consumo alcoólico.

Ressalta-se que relacionado ao público acadêmico existe uma variedade de eventos de lazer, no qual o principal elemento de persuasão é o consumo de bebidas alcoólicas, muito das vezes com preços mais acessíveis. Existem ainda, festas com forte apelo ao consumo, as festas denominadas open bar, onde paga-se somente o ingresso e a bebida é livre (ROMERA, 2014).

Neste sentido, a rotina acadêmica é condensada por situações estressantes como a cobrança familiar, períodos de estágios, mercado de trabalho, dedicação ao estudo, comprometendo significativamente o tempo de lazer e conseqüentemente a qualidade de vida do estudante. Com isso a bebida alcoólica fornece uma fórmula de escape que possibilita esquecer os problemas ou até mesmo uma estratégia de enfrentamento (PELICIOLI et al., 2017).

CONCLUSÃO

Os acadêmicos do curso de enfermagem da Instituição pesquisada, formado em sua maioria por população feminina, jovens e solteiras apresentaram em sua maioria, uso não abusivo de álcool, classificados como consumidores de baixo. Sugere-se a intervenção em saúde, para que haja a manutenção do padrão de uso atual e seja reduzida a possibilidade para uso abusivo.

Os estudos apontam que os discentes estão expostos ao álcool, e isso reflete em demanda por informações mais acessíveis e de qualidade com relação aos efeitos do uso de forma imatura e nociva dessa substância. Também é necessário desenvolver programas educacionais na grade curricular visando, não apenas postergar o início do consumo, mas evitar evolução para padrões de abuso.

No começo do curso os acadêmicos frequentam a disciplina de Psicologia, opção satisfatória para desenvolver discussão sobre a temática envolvendo o consumo de álcool. No décimo período há o estágio supervisionado com abordagem sobre consumo de álcool e outras drogas, oportunidade para trabalhar a capacitação do futuro profissional no enfrentamento ao consumo de álcool. Opções na grade curricular, tanto para acadêmicos iniciantes, quanto para os concluintes.

Acredita-se que o ingresso nas Instituições de Ensino Superior aconteça predominantemente pela população jovem, propiciando a aquisição de novos saberes e possivelmente o início, manutenção ou aumento do consumo de bebidas alcoólicas, o que pôde ser observado entre os acadêmicos do presente estudo. Diante dessa perspectiva as instituições de ensino superior possuem papel importante no desenvolvimento de saberes acerca dessa temática.

As relações que apresentaram significância com o escore Audit foram: estado civil, renda e lazer. Quando relacionado a variável religião e escore, esta não apresentou significância no presente estudo.

Embora, na presente pesquisa a maioria dos acadêmicos classificaram-se como consumidores de baixo risco, não deve ser negligenciado aqueles que apresentaram uso nocivo e/ou provável dependência, sendo necessário como intervenção o encaminhamento para serviços especializados.

Diante dos resultados, este estudo caracteriza-se como subsídio para desenvolvimento de ações preventivas de caráter educativo durante os anos de graduação, tendo potencial positivo de reflexão. Vale ressaltar que novos estudos, frente ao consumo de álcool entre estudantes universitários, podem contribuir para promoção de saúde e prevenção de agravos, a partir de projetos ou programas desenvolvidos no âmbito acadêmico, bem como políticas públicas de saúde.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Débora. Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o uso e abuso das drogas. 2015. 40. Monografia (Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Taguatinga, 2015. <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/5502/5/D%C3%A9bora%20Teixeira%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ANDRADE, Arthur Guerra de (Org.). Álcool e a saúde dos brasileiros: panorama 2019. Organizador: Arthur Guerra de Andrade – São Paulo: Centro de Informações sobre Saúde e Álcool. Brasil 2019. Disponível em: http://www.cisa.org.br/upload/Panorama_Alcool_Saude_CISA2019.pdf. Acesso em: 07 ago. 2019.

ANTUNES, João Cesar de Souza. O consumo de bebidas alcoólicas: Um fator de risco para além do alcoolismo. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Disponível: <<http://ppfh.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Tese-Jo%C3%A3o-Cesar.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

AQUINO, Jael Maria de et al. Consumo de bebidas alcoólicas por estudantes de escolas públicas da cidade do Recife-PE. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto , v. 15, n. 2, p. 60-68, abr. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762019000200009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 29 jul. 2019.

ARAUJO, Claudineia Matos de; VIEIRA, Carla Xavier; MASCARENHAS, Claudio Henrique Meira. Prevalência do consumo de drogas lícitas e ilícitas por estudantes universitários. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto , v. 14, n. 3, p. 144-150, 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ARROYAVE, Leidy Johanna Ocampo et al. Tendências e desigualdades nos comportamentos de risco em adolescentes: comparação das coortes de nascimentos de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 32, n. 9, e00120215, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000905013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2019.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURAO, Luciana. PANORAMA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, NO MERCADO DE TRABALHO E NA SOCIEDADE. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 30, e174090, 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100214&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 11 jul. 2019.

BARROS, Mariana Salles Motta Rodrigues de; COSTA, Luciana Scarlazzari. Perfil do consumo de álcool entre estudantes universitários*. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 4-13, 2019.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762019000100002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 29 jul. 2019.

BASTOS, Adriana de Fatima Valente; COSTA Francisco José da ; VASCONCELOS, Madiã Marcela. Consumo de Bebidas Alcoólicas por Jovens: Implicações para o Marketing Social. **Revista Brasileira de Marketing**, 16, set. 2017. Disponível em:<<http://www.revistabrasileiramarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/view/3442>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social. O setor de bebidas no Brasil. 2014.

BRASIL. Senad (SUPERA). Detecção do uso e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas: módulo 3. – 7. ed. – Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2014. 68 p. Disponível em:< https://www.supera.senad.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/SUP7_Mod3.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. **NOTA TÉCNICA Nº 11/2019-CGMAD/DAPES/SAS/MS**. Disponível em:< <http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas. Aberta: portal de formação a distância. Florianópolis: SEAD-UFSC, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” – Inep. Censo da educação superior 2015: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2018. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2015.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRASIL. Legislação e políticas públicas sobre drogas no Brasil.— Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011. 106 p. Disponível em:< <http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/politicas-sobre-drogas/cartilhas-politicas-sobre-drogas/2011legislacaopoliticaspublicas.pdf>>. Acesso em: 24 mar 2019.

BRASIL. Constituição (2007). Decreto nº 6.117, de 22 de maio de 2007. Aprova a Política Nacional sobre o Álcool, dispõe sobre as medidas para redução do uso indevido de álcool e sua associação com a violência e criminalidade, e dá outras providências.. Política Nacional Sobre O Álcool. Brasília, 22 maio 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6117.htm>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CADERNOS DA FLACSO. Consumo do álcool no Brasil. Gilberta Acserlrad (org.).**ed.Flacso-Brasil**. Rio de Janeiro, 2014.. Disponível em: <<http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/58N12-GilbertaAcserlrad.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

CAETANO, Rafael Rodrigo Resende. Bebidas alcoólicas e sua ecologia: impactos históricos e sociais desde o surgimento até a atualidade. 2018. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/23473/3/BebidasAlcoolicasEcologia.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

CALIXTO, Alexandre; TOLEDO, Ana Carla Vasco de; LAMY, Marcelo. Diretrizes de avaliação de uma política pública pela perspectiva do ciclo de vida: Ineficácia e ilegitimidade da Política Nacional sobre o Álcool. **Revista Brasileira de Direito Constitucional**, v. 22, n. 1, p. 61-75, 2015. Disponível em:<<http://esdc.com.br/seer/index.php/rbdc/article/view/350/343>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CARLOS, Maria Aparecida. **Perfil, qualidade de vida, estresse laboral, abuso e dependência de álcool dos trabalhadores da estratégia saúde da família**. 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19069/3/PerfilQualidadeVida.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CARLOS, Maria Aparecida; HERVAL, Álex Moreira; GONTIJO, Liliane Parreira Tannús. Consumo de álcool entre os trabalhadores da saúde da família. **Revista da Faculdade de Odontologia-UPF**, v. 23, n. 2, 2018. Disponível em:<<http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/10/948114/8394-maria-aparecida-carlos.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CARNEIRO, Eduardo Bittar et al. Fatores associados a beber pesado episódico entre estudantes de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 36, n. 4, p. 524-530, Dec. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000600011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CARNEIRO, Ana Luiza Marques et al. PADRÃO DO USO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DE SAÚDE. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, São João del Rei, v. 1, n. 4, p.940-950, 18 abr. 2014.

Quadrimestral. Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/449/569>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

CARVALHO, Suelen Griguc. **SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA ALCÓOLICA**. 2014. 28 f. Monografia (Especialização) - Curso de Enfermagem, Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://www.uniad.org.br/images/SUELEN_GRIGUC_CARVALHO-PSICO-TCC.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

CARVALHO, Fabio Luiz Oliveira de et al. Distúrbio do uso de álcool em técnicos de enfermagem do curso de bacharel em enfermagem da faculdade ages. **Revista de Saúde ReAGES**, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistadesaude/article/view/5/6>>. Acesso em: 16 fev.2019.

CIBEIRA, Gabriela Herrmann et al. Consumo de bebida alcoólica, fatores socioeconômicos e excesso de peso: um estudo transversal no sul do Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 12, p. 3577-3584, Dez. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2019.

CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool. Relatório Global sobre Álcool e Saúde – 2014. Organização Mundial da Saúde (OMS). Genebra, Suíça. 2014.

CISA- Centro de Informações sobre saúde e Álcool. Álcool: da prevenção ao tratamento – 2016. Disponível em: <<http://cisa.org.br/artigo/6855/alcool-prevencao-ao-tratamento.php>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

CORDASSO, Jéssica Akemy et al. Fatores determinantes na evasão de acadêmicos no ensino superior: estudo em um município do norte mato-grossense. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171967/OK__101_00407OK.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 mar. 2019.

COSTA, Sheila Maria da Conceição et al. Consumo de álcool entre universitários do interior do nordeste brasileiro. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 17, n. 59, 2019. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/5837/pdf>. Acesso em: 20 ag. 2019.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008. Disponível em: <<http://rica.unibes.com.br/index.php/rica/article/download/243/234>>. Acesso em: 01 maio 2018.

DALLO, Luana; MARTINS, Raul Aragão. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil.

Ciência & Saúde Coletiva. 2018, v. 23, n. 1, pp. 303-314. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000100303#>. Acesso em: 28 jul. 2019.

DUTRA, Raphaela Granato; MENEZES, Maria Lucia Pires. O lazer dos estudantes universitários: o caso das festas universitárias. **Revista Presença Geográfica**, v. 4, n. 1, p. 63-72, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/RPGeo/article/view/2624/1940>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

DUTRA, Ricardo Luiz. **DIAGNÓSTICO DO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS NO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA: UM ESTUDO NA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS**. 2014. 109 f. Monografia (Especialização) - Curso de Administração, Administração e Socioeconômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.cbm.sc.gov.br/biblioteca/dmdocuments/CAEE_2014_Dutra.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

FARIA, Maria Luisa Vichi de Campos. A avaliação da efetividade de um modelo de intervenção breve (método BASICS) para o uso abusivo de álcool em estudantes do ensino médio. 2016. 189 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Medicina de Botucatu, Botucatu, 2016.

FARIAS, Ingride de Oliveira et al. Prevalência da Síndrome de Burnout entre Acadêmicos de Medicina de uma Universidade na cidade de Vassouras no Estado do RJ. **Revista de Saúde**. 2019 Jan./Jun.; 10 (1): 02-08. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RS/article/view/1686>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

FELIPE, Ingridy Cunha Ventura; GOMES, Antonio Marcos Tosoli Gomes. Consumo de álcool entre acadêmicos da área da saúde: implicações para a prática profissional. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2014 jan/fev; 22(1):35-41. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v22n1/v22n1a06.pdf>>. Acesso em: 03 ago.2019.

FERNANDES, Márcia Astrês et al. Consumo de bebidas alcoólicas em estudantes de enfermagem de um centro universitário. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto , v. 15, n. 2, p. 38-44, abr. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762019000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 11 jul. 2019.

FERREIRA, Luciano Nery et al. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas e fatores associados em um município do Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 8, p. 1473-1486, Aug. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000800003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FRANCO, Letícia Cunha. **PADRÃO DE CONSUMO DE ÁLCOOL E TABACO ENTRE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**. 2016. 113 f. Tese (Doutorado) - Curso

de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde. Departamento de Enfermagem. Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21932/1/2016_Let%c3%adciaCunhaFranco.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FRANCO, Letícia Cunha; MONTEIRO, Pedro Sadi. PADRÃO DE CONSUMO DE ÁLCOOL E TABACO ENTRE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 30, n. 2, p.01-11,abr/jun. 2016. Trimestral. Disponível em:< https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/15860/pdf_55>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FRANCO, Mariana Lemos. **PROGRAMAS E PROJETOS DE PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA DOS ANOS 2000 A 2016**. 2016. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília Faculdade de Ceilândia, Brasília, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17161/1/2016_MarianaLemosFranco_tcc.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

FUNAI, Anderson; PILLON, Sandra Cristina. Uso de bebidas alcoólicas e aspectos religiosos em estudantes de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. 2011 jan/mar;13(1):24-9. Disponível em:< <https://www.fen.ufg.br/revista/v13/n1/v13n1a03.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

GARCIA, Leila Posenato et al. Uso de álcool como causa necessária de morte no Brasil, 2010 a 2012. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 38, p. 418-424, 2015. Disponível em:< <https://scielosp.org/article/rpsp/2015.v38n5/418-424/pt/>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lúcia Rolim Santana de. Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p.227-237, jun. 2015. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n2/2237-9622-ress-24-02-00227.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

GOMES, Leonardo Silveira et al. Consumo de álcool entre estudantes de medicina do Sul Fluminense – RJ. **Revista de Medicina**, v. 97, n. 3, p. 260-266, 18 jul. 2018. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/143559>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

GOMES, Maria Simone et al. Uso de bebidas alcoólicas entre universitários. **Rev. enferm.** UFPE on line, v. 12, n. 10, p. 2643-2650, 2018.

GOMES, Paula Cristina. O consumo de bebida alcoólica e tabaco entre trabalhadores de enfermagem de uma universidade pública da zona da mata mineira. 2015. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/415/1/paulacristinagomes.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

GOMES, Thaísa Borges; VECCHIA, Marcelo dalla. Estratégias de redução de danos no uso prejudicial de álcool e outras drogas: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 23, n. 7, p.2327-2338, jul. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n7/1413-8123-csc-23-07-2327.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

GOSTA, Gleidison Moura et al. O uso de álcool entre estudantes adolescentes. **Revista EDaPECI São Cristóvão (SE)** v.17. n. 1, p. 234-250 jan. /abr. 2017. Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6711127>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

GUIMARAES, Mariana Silva Freitas; TAVARES, Darlene Mara dos Santos. Prevalência e fatores associados ao abuso e provável dependência de álcool entre idosos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 28, e20180078, 2019 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100338&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jul. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde 2013: percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas - Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2014 181 p. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2012 e 2016. Rio de Janeiro. IBGE, 2017. Disponível em:<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em:< https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/ce915924b20133cf3f9ec2d45c2542b0.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2019.

JAEGER, Gustavo Pêgas; MOLA, Christian Loret de; SILVEIRA, Mariangela Freitas. Transtornos relacionados ao uso de álcool e fatores associados em zona rural do Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 52, supl. 1, 8s, 2018 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102018000200502&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 ago. 2019.

JESUS, Priscila Carvalho de. ALCOOLISMO ENTRE ADOLESCENTES: UM DESAFIO PARA OS ENFERMEIROS. 2014. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/168509/Priscila%20Carvalho%20de%20Jesus%20-%20PSICO%20-%20TCC.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

LEITE, Jefferson Carley Andrade et al. CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM. **Revista Bionorte**, Montes Claros, v. 5, n. 1, p.50-58, fev. 2016. Mensal. Disponível em:
<http://www.revistabionorte.com.br/arquivos_up/artigos/a36.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2019

LENAD. II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012. Ronaldo Laranjeira (Supervisão) [et al.], São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP. 2014

LIMA, Karla Helene Marques; SILVA, Cristiane Gonçalves da; MENDES, Rosilda. DROGAS E ÁLCOOL NA UNIVERSIDADE: PROIBIÇÕES, SILENCIAMENTOS E DIÁLOGOS. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 1, n. 14, p.156-172, jun. 2018. Semestral. Disponível em:
<<https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/11302/7413>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

LIMA, M. G. Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

LOPES, Ícaro Caresia. PREVALÊNCIA E CIRCUNSTÂNCIAS DO PADRÃO DE USO DE ÁLCOOL SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Saúde Coletiva, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Medicina, Botucatu, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148822/lopes_ic_me_bot.pdf?sequence=3>. Acesso em: 25 fev. 2019

MACHADO, Ísis Eloah et al. Pesquisa Nacional de Saúde 2013: relação entre uso de álcool e características sociodemográficas segundo o sexo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 20, n. 3, p.408-422, jul. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201700030005>. Disponível em:
<https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1415-790X2017000500408&script=sci_abstract>. Acesso em: 25 fev. 2019.

MACHADO, Jéssica Nayara Silva et al. Consumo de álcool entre acadêmicos de medicina. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 2, n. 2, p. 46-51, 2016. Disponível em:<
<http://revistas.icesp.br/index.php/RBPeCS/article/view/47/41>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MACIEL, Marjorie Ester Dias; VARGAS, Divane de. Consumo de álcool entre estudantes de enfermagem Alcohol consumption among nursing students. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 64-70, jan. 2017. ISSN 2175-5361. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4297>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

MANGUEIRA, Suzana de Oliveira; GUIMARÃES, Fernanda Jorge; MANGUEIRA, Jorgiana de Oliveira. Promoção da saúde e políticas públicas do álcool no brasil: revisão integrativa da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Fortaleza, v. 1, n. 27, p.157-168, jul. 2015. Trimestral. Disponível em: <<http://submission.scielo.br/index.php/psoc/article/view/124187/9061>>. Acesso em: 25 fev.2019.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Exposição ao álcool entre adolescentes e fatores associados. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 52-62, fevereiro de 2014. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102014000100052&script=sci_abstract >. Acesso em: 16 fev. 2019.

MARTINS, Otávio Augusto. Efeito do consumo de bebidas alcoólicas no organismo – uma revisão. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência (REEC)** – ISSN 2237-3462 - Volume 03 – Número 02 – 2013. Disponível em:http://fira.edu.br/revista/vol3_num2_pag7.pdf. Acesso em: 16 fev. 2019.

MARTINS, Kelma Virginia de Sousa et al. **O enfermeiro como educador na prevenção do consumo de álcool entre os alunos do Ensino Médio na Escola Pública Vale do Gurguéia, da Zona Urbana no Município de Cristino Castro-PI.** 2018. Dissertação de Mestrado. Disponível em:<<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/9391>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MEDEIROS, Ana Rita Cardoso et al. O USO DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS COMO FATOR SOCIAL ENTRE OS ACADÊMICOS DO CURSO DE PSICOLOGIA. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 15, n. 2, p. 639-650, 2017. Acesso em:<<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/3065>>. Acesso em: 28 ag. 2019.

MELO, Emilly Caroline de Moura. Influência das características socioeconômicas no consumo de bebida alcoólica entre universitários. 2018. Disponível em:<http://bdm.ufmt.br/bitstream/1/677/1/TCC_2018_Emilly%20Caroline%20de%20Moura%20Melo.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

NÓBREGA, Eduardo Brito Souza et al. ANÁLISE DO USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE ENSINO. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 17, n. 1, p. 38-46, 2019. Disponível em:<<https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/135/116>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

NOGUEIRA, Matheus de souza et al..

Consumo de álcool em estudantes do curso de Medicina e fatores sociodemográficos relacionados. Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes-**SEMPESq**, n. 18, 2018. Disponível em:<<https://eventos.set.edu.br/index.php/sempeq/article/view/3451/1439>>. Acesso em: 11 jul.2019

OLIVEIRA, Jaqueline Lemos de; SOUZA, Jacqueline de. Fatores associados ao consumo de álcool entre trabalhadores públicos da manutenção. **Acta paul. enfermagem**, São Paulo , v. 31, n. 1, p. 17-24, Fev. 2018 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002018000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2019.

OLIVEIRA, Ana Lívia Castelo Branco de et al. Spirituality and religiosity in the context of drug abuse. **Rev Rene**. 2017;18(2):283-90. Disponível em:<<https://pdfs.semanticscholar.org/eaba/6fe39476c67a3edacf520f3e35cd3c0abd90.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

OLIVEIRA, Ítalo Weiner Martins de; FARINHA, Marciana Gonçalves; GOMIDE JUNIOR, Sinésio. Consumo alcoólico por estudantes de Ciências Agrárias de uma Universidade Pública do Centro-Oeste Brasileiro. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 8, n. 2, p. 98-111, 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000200008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 23 jul. 2019.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On Line**, São Paulo, v. 2, n. 3, p.1-15, 2001. Trimestral. Disponível em: <https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostras_por_conveniencia.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018

Pan American Health Organization (PAHO). Regional Status Report on Alcohol and Health in the Americas. Washington, DC : **PAHO**, 2015. Disponível em: <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2015/Alcohol-Report-Health-Americas-2015.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

PEDROSO, Raquel Turci; HAMANN, Edgar Merchan. Adequações do piloto do programa Unplugged#Tamojunto para promoção à saúde e prevenção de drogas em escolas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p.371-381, fev. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018242.32932016>. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n2/371-381/pt/#>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

PELICIOLO, Marina et al. Perfil do consumo de álcool e prática do beber pesado episódico entre universitários brasileiros da área da saúde. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Passo Fundo, v. 66, n. 3, p.150-156, set. 2017. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000164>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v66n3/0047-2085-jbpsiq-66-3-0150.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

PINHEIRO, Marcelo de Almeida et al. Prevalência e Fatores Associados ao Consumo de Álcool e Tabaco entre Estudantes de Medicina no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Ceará, v. 41, n. 2, p. 231-250; 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000200231>. Acesso em: 03 ago. 2019.

PIRES, Cláudia Geovana da Silva et al. Consumo de bebidas alcóolicas entre estudantes de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 28, n. 4, p.301-307, jul. 2015. Bimestral. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307040999003>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

PORTO, Alana Oliveira et al. Publicidade televisiva e perfil de consumo de bebidas alcóolicas de universitários. **Revista Enfermagem UFPE on line**, v. 12, n. 10, p. 2651-2658, 2018.

RABELO, Marcella Oliveira; PRATES, Thalita Emily Cezário; SAMPAIO, Cristina Andrade. CONSUMO DE ÁLCOOL POR ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, Montes Claros-mg, v. 1, n. 4, p.01-08, jun. 2017. Disponível em: <<http://revistas.icesp.br/index.php/RBPeCS/article/view/99/151>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

REIS, Marcos Vinícius de Freitas; MANDUCA, Vinicius; CARMO, Arielson Teixeira do Carmo. A igreja católica na amazônia: religiosidade e conflito. **Religião e religiosidade na Amazônia e na contemporaneidade**, p. 156, 2018. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/editora/files/2019/04/Religiao-e-Religiosidade-na-Amazonia-e-na-Contemporaneidade.pdf#page=72>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

RODRIGUES, Ana Paula et al. Avaliação do nível de propensão para o desenvolvimento do alcoolismo entre estudantes do curso de graduação em enfermagem da Universidade Católica Dom Bosco. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 01-10, Fev. 2007.

RODRIGUES, Kaique Saimon Lemes Farias et al. O uso de substâncias psicoativas entre estudantes de uma instituição pública de ensino superior no estado de Mato Grosso, Brasil. 2019. Disponível em: <http://bdm.ufmt.br/bitstream/1/1179/1/TCC_2019_Kaique%20Saimon%20Lemes%20Farias%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

ROMERA, Liana Abrão et al. TEMPO LIVRE E USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL E PORTUGAL. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 765-776, set. 2018. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/81951>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ROMERA, Liana Abrão. Lazer e festas: Estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, 22(Suplemento Especial), 95-102. 2014. Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/843/509>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

SARAIVA, Simony dos Santos; FILHO, Antônio Luiz Martins Maia. Consumo de bebidas alcoólicas e prática do binge drinking entre acadêmicos de Odontologia de uma IES. **Rev. bras. odontol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1/2, p. 104-8, jan./jun. 2015

SAWICKI, Wanda Cristina et al. Consumo de álcool, qualidade de vida, Intervenção Breve entre universitários de Enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 1, p. 505-512, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034716720180007npt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SCHNEIDER, Jaluza Aimée; LIMBERGER, Jéssica; ANDRETTA, Ilana. Habilidades sociais e drogas: revisão sistemática da produção científica nacional e internacional. *Avances en psicología latinoamericana*, v. 34, n. 2, p. 339-350, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/19655/pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SILVA, Andressa Melina Becker da; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Teses e Dissertações Brasileiras Sobre Fatores de Risco e Proteção, Vulnerabilidade e Resiliência na Adolescência. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, n. 14, p. 13-20, 2016. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/view/3999/3263>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SILVA, Carla de Almeida et al. **Inquérito epidemiológico do consumo do álcool em cortadores manuais de cana-de-açúcar dos estados da Paraíba e de Goiás.** 2019. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9427/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Carla%20de%20Almeida%20Silva%20-%202019.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SILVA, Cleitiane de Jesus Gomes et al. **Prevalência e as variáveis associada no uso de álcool entre estudantes do campus de porto velho da universidade federal de rondônia.** 2018. Disponível em: <http://www.eventos.unir.br/index.php/viii_spgp_i_sipitt/ixsemppiisintec/paper/view/2029>. Acesso em: 25 fev. 2019

SILVA, Pedro Tiago Sant'anna Barbosa. **Direito à saúde: o caso dos medicamentos derivados de drogas ilícitas.** 2015. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Centro Universitário "Antônio Eufrásio de Toledo" de Presidente Prudente, 2015. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Juridica/article/view/5220/4972>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

SILVA PIRES, Cláudia Geovana da et al. Consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 4, p. 301-307, 2015. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/3070/307040999003.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SILVA, Jéssica Nascimento et al. Consumo álcool entre universitários. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 2, n. 2, p. 35-40, 2016. Disponível em:< <http://revistas.icesp.br/index.php/RBPeCS/article/viewFile/45/44>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SILVA, Maria Fernanda Rocha da et al. Relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e desempenho acadêmico de graduandos de enfermagem de uma universidade pública. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**. 7 : 18-27, 2015. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750949002>> . Acesso em: 03 ago. 2019.

SILVEIRA, Pollyanna Santos da et al. Avaliação dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) do estado de Minas Gerais. 2018.

SILVEIRA, Nathália Arnoldi et al. USO INDEVIDO DO ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA: PESQUISA COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CRUZ ALTA/RS. **Revint**, Cruz Alta-rs, v. 6, n. 2, p.472-478, abr. 2018. Trimestral. Disponível em:<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/electronica/article/viewFile/7972/pdf_226>. Acesso em: 26 fev. 2019.

SOARES FILHO, Weber. Uso de drogas, redução de danos e representações sociais. in: xll colóquio nacional e v colóquio internacional do museu pedagógico, 12., 2017, Belo Horizonte. **Semana Pedagógica**. Salvador: Museu Pedagógico, 2017. p. 2288 - 2292. Disponível em:<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/7142/pdf_834>. Acesso em: 02 mar. 2019.

SOUSA, Barbara de Oliveira Prado et al. Associação entre consumo de álcool no padrão binge e tabaco em estudantes de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Vale do Ribeira, v. 20, p.20-36, 31 dez. 2018. Universidade Federal de Goiás. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/48611/27036>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

TEIXEIRA, Mirna Barros; ENGSTROM, Elyne Montenegro; RIBEIRO, José Mendes. Revisão sistemática da literatura sobre crack: análise do seu uso prejudicial nas dimensões individual e contextual. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 41, n. 112, p.311-330, mar. 2017. Trimestral. Disponível em:<https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0103-11042017000100311&script=sci_arttext&tling=en>. Acesso em: 02 mar. 2019.

TERRA JUNIOR, André Tomaz. **Perfil dos universitários da área da saúde quanto ao uso de substâncias psicoativas na cidade de Ariquemes-RO**. Tese

de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2018. Disponível em:< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17137/tde-20032019-161250/en.php>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

TOSTA, Tania Ludmila Dias. A participação de estudantes universitários no trabalho produtivo e reprodutivo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 896-910, 2017. Disponível em:< <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/4119/pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

TOSTES, Jorge Gelvane; CAMPOS, Fernanda Paiva de; PEREIRA, Luís Gustavo Rodrigues. Consumo de Álcool e Outras Drogas em uma Faculdade de Medicina do Sul de Minas Gerais. **Revista Ciências em Saúde**, v6, n 2, 2016. Disponível em:< http://rcs.fmit.edu.br/index.php/rcsfmit_zero/article/view/484/303>. Acesso em: 16 fev. 2019.

TRIGO, Sofia et al. Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de drogas. **Arq Med**, Porto, v. 29, n. 2, p. 39-45, abr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-34132015000200002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 27 fev. 2019.

VARGAS, Divane de, BITTENCOURT, Marina Nolli, BARROSO, Lúcia Pereira. Padrões de consumo de álcool de usuários de serviços de atenção primária à saúde de um município brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2014. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63029655003>>. Acesso em: 29 jul. 2019

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). World Drug Report Viena: OMS, 2015. Disponível em:< https://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

VALE, Jessica de Sousa. **Perfil do consumo de álcool, tabaco e maconha entre graduandos em enfermagem da faculdade de educação e meio ambiente - faema**. 2014. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2014.

VILLA, Louise Lisboa de Oliveira. **Consumo de álcool entre adolescentes escolares quilombolas e fatores associados**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia Escola de Enfermagem, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23691/1/louise_lisboa_de_oliveira_villa.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

XAVIER, Rosane Terezinha; LIMBERGER, Jéssica; Monteiro, Janine Kieling e ANDREATTA, Ilana. Políticas públicas de atenção aos usuários de drogas no contexto brasileiro: revisão narrativa de literatura. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 13(1), São João del Rei, janeiro-abril de 2018. 1339. Disponível em:< http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2815/1838>. Acesso em: 24 fev. 2019.

YOSETAKE, Ana Luiza et al. Estresse percebido em graduandos de enfermagem. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** (Ed. port.), Ribeirão Preto , v. 14, n. 2, p. 117-124, 2018 . Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v14n2/08.pdf> >. Acesso em: 16 fev. 2019.

WILLHELM, Alice Rodrigues et al. Consumo de álcool na adolescência e relação com uso excessivo de bebidas alcoólicas dos pais: estudantes de quatro escolas de Porto Alegre. **Psico**, v. 46, n. 2, p. 208-216, 2015. Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161582>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global status report on alcohol and health. Geneva, 2018. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/274603/9789241565639-eng.pdf?ua=1>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa:
“PERFIL DO CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ACADÊMICOS INGRESSANTES E CONCLUINTES DO CURSO DE ENFERMAGEM DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO NORTE DO BRASIL”.

Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa “PERFIL DO CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ACADÊMICOS INGRESSANTES E CONCLUINTES DO CURSO DE ENFERMAGEM DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO NORTE DO BRASIL”, realizada na “FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE - FAEMA”. O objetivo da pesquisa é “Conhecer o perfil do consumo de álcool entre acadêmicos ingressantes e concluintes do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior no município do norte do Brasil”. A sua participação é muito importante e ela se dará da seguinte forma (Responder a um questionário sobre o consumo de álcool e um questionário socioeconômico).

Ressaltamos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Informamos que o (a) senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar (Profa. Esp. Jessica de Sousa Vale, docente da Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA). Endereço: Avenida Machadinho, nº 2201, áreas especiais. Fone: (69) 3536-6600. Email: enade@faema.edu.br. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Ariquemes, ____ de _____ de 2019.

Profa. Esp. Jessica de Sousa Vale
 RG: 103651998-5 SSP/MA
 Pesquisadora Principal

Bruno Paulo de Sousa
 RG: 11789-29 SSP/RO
 Pesquisador Assistente

Eu, _____ tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: ____ / ____ / 2019

APÊNDICE II

QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA COLETA

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

Sexo:

1. () Masculino
2. () Feminino

Qual a sua idade? _____

Qual o seu estado civil?

1. () Solteiro(a).
2. () Casado(a).
3. () Separado(a) judicialmente/divorciado(a).
4. () Viúvo(a).
5. () Outro.

Qual a sua cor?

1. () Parda
2. () Preta
3. () Branca
4. () Indígena
5. () Amarela

Assinale a alternativa que representa sua crença religiosa.

1. () Católica
2. () Evangélica
3. () Espírita
4. () Outra, qual? _____
5. () Não possui.

Em qual município reside? _____

Assinale a opção que mais se adequa a sua situação:

1. () Moro sozinho
2. () Moro com companheiro (a)
3. () Moro com companheiro (a) e filho (s)
4. () Moro com amigos e/ou familiares
5. () Moro com meus pais

Assinale a alternativa que mais se adequa às suas atividades de lazer regulares:

1. () Praticar esportes e/ou alternativas de atividades físicas
2. () Teatro, cinema, museus e demais atividades culturais
3. () Sair para bares, baladas e/ou demais locais com música e bebida
4. () Ficar em casa assistindo TV, navegando na internet
5. () Sair para compras em shoppings e/ou centros comerciais

Qual a renda total de sua família, incluindo seus rendimentos?

1. () Até 1 salário mínimo
2. () De 1 a 3 salários mínimos
3. () De 3 a 4 salários mínimos
4. () De 4 a 6 salários mínimos
5. () De 6 a 10 salários mínimos

Qual alternativa a seguir melhor descreve sua situação financeira (incluindo bolsas)?

1. () Não tenho renda e meus gastos são financiados pela minha família ou por outras pessoas.
2. () Tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas para financiar meus gastos.
3. () Tenho renda e não preciso de ajuda para financiar meus gastos.
4. () Tenho renda e contribuo com o sustento da família.
5. () Sou o principal responsável pelo sustento da família.

Qual o seu curso de graduação?

1. () Enfermagem
2. () Farmácia
3. () Fisioterapia

Em qual período você está regularmente matriculado?

1. () Primeiro ano (1º e 2º semestre)
2. () Segundo ano (3º e 4º semestre)
3. () Terceiro ano (5º e 6º semestre)
4. () Quarto ano (7º e 8º semestre)
5. () Quinto ano (9º e 10º semestre)

**AUDIT - TESTE PARA IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS RELACIONADOS AO USO DE
ÁLCOOL**

(SAUNDERS *et al.*, 1992 *apud* BRASIL, 2014, p. 31)

01. Com que frequência você toma bebidas alcoólicas?

(0) Nunca [vá para as questões 9-10]

(1) Mensalmente ou menos

(2) De 2 a 4 vezes por mês

(3) De 2 a 3 vezes por semana

(4) 4 ou mais vezes por semana

02. Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você consome tipicamente ao beber?

(0) 1 ou 2

(1) 3 ou 4

(2) 5 ou 6

(3) 7, 8 ou 9

(4) 10 ou mais

03. Com que frequência você toma “seis ou mais doses” de uma vez?

(0) Nunca

(1) Menos do que uma vez ao mês

(2) Mensalmente

(3) Semanalmente

(4) Todos ou quase todos os dias

Se a soma das questões 2 e 3 for 0, avance para as questões 9 e 10

04. Quantas vezes, ao longo dos últimos 12 meses, você achou que não conseguiria parar de beber uma vez tendo começado?

(0) Nunca

(1) Menos do que uma vez ao mês

(2) Mensalmente

(3) Semanalmente

(4) Todos ou quase todos os dias

05. Quantas vezes, ao longo dos últimos 12 meses, você, por causa do álcool, não conseguiu fazer o que era esperado de você?

(0) Nunca

(1) Menos do que uma vez ao mês

(2) Mensalmente

(3) Semanalmente

(4) Todos ou quase todos os dias

06. Quantas vezes, ao longo dos últimos 12 meses, você precisou beber pela manhã para se sentir bem ao longo do dia, após ter bebido no dia anterior?

(0) Nunca

(1) Menos do que uma vez ao mês

(2) Mensalmente

(3) Semanalmente

(4) Todos ou quase todos os dias

07. Quantas vezes, ao longo dos últimos 12 meses, você se sentiu culpado ou com remorso depois de ter bebido?

(0) Nunca

- (1) Menos do que uma vez ao mês
- (2) Mensalmente
- (3) Semanalmente
- (4) Todos ou quase todos os dias

08. Quantas vezes, ao longo dos últimos 12 meses, você foi incapaz de lembrar o que aconteceu devido à bebida?

- (0) Nunca
- (1) Menos do que uma vez ao mês
- (2) Mensalmente
- (3) Semanalmente
- (4) Todos ou quase todos os dias

09. Alguma vez na vida você já causou ferimentos ou prejuízos a você mesmo ou a outra pessoa após ter bebido?

- (0) Não
- (2) Sim, mas não nos últimos 12 meses
- (4) Sim, nos últimos 12 meses

10. Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com o fato de você beber ou sugeriu que você parasse?

- (0) Não
- (2) Sim, mas não nos últimos 12 meses
- (4) Sim, nos últimos 12 meses

Anote aqui o resultado: $\frac{\quad}{Q1} + \frac{\quad}{Q2} + \frac{\quad}{Q3} + \frac{\quad}{Q4} + \frac{\quad}{Q5} + \frac{\quad}{Q6} + \frac{\quad}{Q7} + \frac{\quad}{Q8} + \frac{\quad}{Q9} + \frac{\quad}{Q10} =$

EQUIVALÊNCIAS DE DOSES DE DIVERSAS BEBIDAS PARA DOSES PADRÃO
(1 dose contém 14g de álcool puro)

CERVEJA: 1 lata ou 1 copo de chope (340 ml) = 1 DOSE;
1 garrafa (600 ml) = 2 DOSES; 1 garrafa
(1 litro) = 3 doses

VINHO: 1 taça (140 ml) = 1 DOSE;
1 garrafa (750ml) = 5 DOSES

CACHAÇA, VODCA, UÍSQUE ou CONHAQUE: meio copo americano (60ml) = 1,5 "DOSES";
1 garrafa de 1 litro = 25 "DOSES"

UÍSQUE, RUM, LICOR, etc.: 1 "dose de dosador"(40ml) = 1 "DOSE"

APÊNDICE III

ANUÊNCIA DA FACULDADE

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE – FAEMA

Ilmo.Sr. Airton Leite Costa
Diretor Geral da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Eu, Jessica de Sousa Vale, enfermeira, portadora do RG nº 1036519985 SSP/MA, regularmente matriculada no Programa de Mestrado em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, tenho a intenção de realizar o projeto de mestrado intitulado: Perfil dos acadêmicos dos cursos da área da saúde em relação ao consumo de álcool em uma instituição de ensino superior no município de Ariquemes – RO, orientado pela Prof. Dra. Eliana Mendes de Souza Teixeira Roque, cujos sujeitos da pesquisa propõem ser os acadêmicos de todos os períodos dos cursos de Bacharelado em Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

O objetivo geral do estudo é conhecer o perfil dos acadêmicos dos cursos da área da saúde em relação ao consumo de álcool em uma instituição de ensino superior no município de Ariquemes – RO. O nome dos pesquisados não serão utilizados em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não haverá gastos e nem riscos na participação neste estudo; não estão previstos ressarcimento ou indenizações aos participantes; não haverá benefícios imediatos na participação dos mesmos. Os resultados contribuirão para apresentar o perfil dos referidos acadêmicos em relação ao consumo de álcool.

Gostaríamos de deixar claro que a participação destes acadêmicos é voluntária e eles poderão recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim preferir. A pesquisa será realizada nas dependências da FAEMA, a partir de um cronograma previamente estabelecido pelas coordenações dos cursos supracitados. Os sujeitos terão os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação no estudo, esclarecidos pela pesquisadora, e somente participarão após a assinatura do termo de consentimento.

Prof. Dra. Eliana Mendes de Souza Teixeira Roque – e-mail: jkroque@uol.com.br Tel: (16) 99794-1307
Pesquisadora Responsável – Orientadora

Jessica de Sousa Vale
Jessica de Sousa Vale – e-mail: jessicadsousavale@gmail.com Tel: (69) 99203-5293
Pesquisadora Assistente

Jessica Vale
Enfermeira
RG nº 1036519985

De acordo
02 05 18
Airton Leite Costa
Diretor Geral
Portaria 001/2015/RUNIDAS

Ribeirão Preto – SP, 02 de maio de 2018.

APÊNDICE IV

Aprovação no Antiplágio



RELATÓRIO DE REVISÃO NO ANTIPLÁGIO

ALUNO: Bruno Paulo de Sousa

CURSO: Enfermagem

DATA DE ANÁLISE: 08.08.2019

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: 5,54%

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠

Suspeitas confirmadas: **4,83%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠

Texto analisado: **89,45%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
quinta-feira, 8 de agosto de 2019 22:11

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho do acadêmico **BRUNO PAULO DE SOUSA**, n. de matrícula **16158** do curso de Enfermagem, foi **APROVADO** com porcentagem conferida em 5,54%. Devendo o aluno fazer as correções que se fizerem necessárias.

Obs.: Informamos que cada aluno tem direito a passar pelo *software* de antiplágio 3 (três) vezes, sendo que, para cada vez, deverá ter feito as correções solicitadas. Para aprovação, o trabalho deve atingir menos de 10% no resultado da análise, e em caso de mais de 10%, o trabalho estará sujeito a uma última análise em conjunto com o professor orientador e a bibliotecária para emissão do parecer final, visto que o *software* pode apresentar um resultado subjetivo.

(assinado eletronicamente)

HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO

Biblioteca Júlio Bordignon

Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Assinado digitalmente por: Herta Maria de Acucena do Nascimento Soeiro
Razão: Faculdade de Educação e Meio Ambiente
Localização: Ariquemes RO
O tempo: 30-08-2019 13:01:09